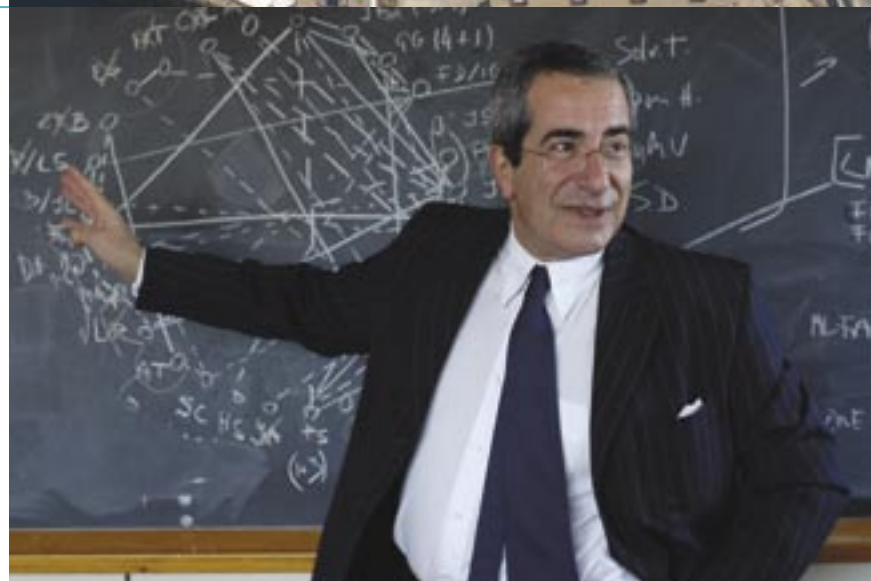
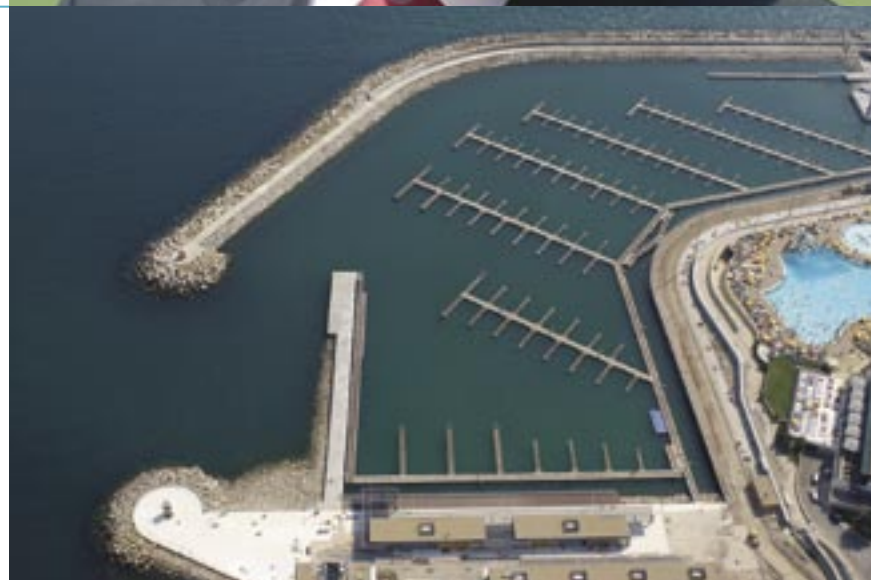




PORTO DE ENCANTOS



| ÍNDICE |

INEVITÁVEL | 4

ENTRE NÓS | 6
Isaltino MoraisA NOSSA CAPA | 12
Porto de EncantosVIVÊNCIAS | 18
Paula ArestaLAÇOS | 24
Centro da Sagrada FamíliaPARCERIAS | 30
Catarina Noronha, GE VolunteersFORMAS | 36
"Doí-nos o Espaço"A DOIS | 40
António CoutinhoALÉM OEIRAS | 46
As geminações, para além
de uma simples trocaINOVAÇÃO | 50
O combate ao cancro da mama
cada vez mais eficiente

INESQUECÍVEL | 54

A ARTE DO SABOR | 56
Jardim do CháBIOGRAFICAMENTE | 58
Cesário Verde

OEIRAS. MUNICÍPIO EM DESENVOLVIMENTO

Caro munícipe,
É com prazer que lhe apresentamos a Oeiras em Revista.
Esta revista vem tomar o lugar até aqui ocupado pela revista Oeiras Municipal, fechando um ciclo de mudança que se encetou com o boletim Oeiras Actual. Mudamos por si e para si. Mudamos a sua aparência para que, entre todas as publicações, houvessem elementos comunicacionais comuns que permitissem criar uma identidade, a nossa identidade, assegurando-lhe o seu carácter próprio, a sua natureza e a sua individualidade.
Esta revista que lhe apresentamos não nasceu hoje, não foi criada agora, não é fruto deste presente. É, antes de mais, fruto de uma política autárquica que ambicionamos sempre em movimento, em crescendo, a olhar para o futuro. É fruto desta vontade



Esta revista que lhe apresentamos não nasceu hoje, não foi criada agora, não é fruto deste presente. É, antes de mais, fruto de uma política autárquica que ambicionamos sempre em movimento, em crescendo, a olhar para o futuro.

que todas as edições do município foram reestruturadas de modo a que, cada vez mais, possam ir ao encontro dos munícipes e do seu 'modus vivendi'.
Esta revista nasceu em 1982 sob o nome de Boletim Municipal com uma tiragem de 1000 e chega aos dias de hoje com 20.000 exemplares. A ideia, o conceito inicial foi o de "dar a conhecer aos munícipes um pouco de actividade da sua Câmara", como escreveu no editorial o então presidente da autarquia, Eng.º Silva Ramos. Mas, o município floresceu, modificou-se. Alterou-se, e a realidade de então já não condiz com a existente. Quisemos inovar em todos os campos, incluindo também no campo comunicacional. O boletim de então deu origem à Revista Oeiras Municipal, que passou a tratar o quotidiano do município com maior profundidade.

Concebemos um estilo de comunicação que nos permitiu acompanhar o ritmo de crescimento do concelho.

Hoje, volvidos 24 anos, continua a animar-nos a vontade de informar, divulgar, mostrar o que em terras de Oeiras se faz, se pensa e se espera.

Esta revista é para nós um meio de difundir o presente, fazendo o futuro. Esperamos que também o seja para quem nos lê. É um meio privilegiado de fazer chegar até si o muito que se faz, e bem, no nosso concelho nas áreas da inovação, da tecnologia, do voluntariado, do ambiente, do urbanismo, entre tantas outras.

O nosso universo pode ser restrito territorialmente, mas é vastíssimo na sua acção. Viver Oeiras na sua plenitude é a nossa vontade.

Com esta revista, culmina-se uma metamorfose que foi transversal a todas as publicações, permitindo desde logo criar uma unidade.

Oeiras vive na senda da tecnologia, da qualidade, da cultura, do saber. É esta última que queremos, cada vez mais, cimentar, para que todos saibam o muito que Oeiras é.

E como Saint-Exupery disse "Não há comunicação sem envolvimento", convido-o a este entrelaçar de sabedoria, para que juntos possamos continuar a crescer fortes, coesos e solidários.

Presidente da Câmara Municipal de Oeiras

Isaltino Morais



“Espaço-Tempo”

A Galeria Municipal Lagar de Azeite vai acolher uma exposição de Nuno Maya

A exposição consiste na apresentação de um conjunto de obras sobre o tema “Espaço-Tempo” fruto de uma reflexão do artista, que através da distorção do tempo, apresentará várias abordagens, utilizando para isso diferentes meios e técnicas (fotografia, vídeo e da multimédia).

Nuno Maya é um jovem artista que se tem notabilizado, sobretudo, na área do áudio visual e multimédia ainda que o seu percurso artístico denuncie incursões em campos tão diversos como o da escultura e da fotografia mas sempre aliada às novas tecnologias. Neste sentido, foi convidado pela 24b- Galeria

de Arte Contemporânea situada em Oeiras, a expor a sua obra na ARCO - Feira de Arte Contemporânea de Madrid 2006. Conta, ainda na sua curta carreira, com alguns relevantes prémios nacionais e internacionais, e a presença de algumas das suas obras integrarem a colecção PLMJ, BES art_Colecção Banco Espírito Santo e da CGAC Centro Galego de Arte Contemporânea.

A inauguração da exposição está prevista para 1 de Setembro e vai estar patente ao público de 2 de Setembro a 1 de Outubro, de terça a domingo das 14h00 às 18h00.

“Miss Daisy” regressa em Setembro

AUDITÓRIO MUNICIPAL EUNICE MUÑOZ

4^{as}, 5^{as}, 6^{as} feiras e Sábados - 21H30 / Domingos - 17H00

Miss Daisy após um início cheio de sucesso, foi para férias e regressa, para novas apresentações, em Setembro. A segunda fase de apresentação da peça começa no dia 8 de Setembro, prolongando-se até 29 de Outubro.

Eunice Muñoz, Guilherme Filipe e Thiago Justino são os actores que dão vida a esta história, encenada, em palco, por Celso Cleto.

“Miss Daisy” tornou-se conhecida de grande parte

do público através do cinema, mas trata-se, inicialmente, de uma peça de teatro, distinguida com o Prémio Pulitzer em 1988, posteriormente adaptada ao cinema pelo próprio autor.

“Miss Daisy” tem direcção musical de José Miguel Sastron, cenário e figurinos de José Costa Reis.

Os bilhetes custam 10 euros e estão à venda no local duas horas antes do espectáculo, nas lojas FNAC e Agência de Viagens Abreu.

Na Livraria-Galeria Municipal Verney

Como é habito, a Verney continua a promover a arte, e é por excelência um espaço onde se patenteia as mais variadas vertentes culturais. Assim sendo, tome nota de algumas propostas a não perder neste segundo semestre.

Exposição dos Artistas de Paço de Arcos – Paço d’Artes, de 16 de Setembro a 8 de Outubro, colectiva de pintura.

Marginal Sem Carros

Mais uma vez, a Câmara Municipal de Oeiras se associará à Semana Europeia da Mobilidade e ao Dia Europeu Sem carros, fechando a Marginal, entre Caxias e Oeiras, no dia 17 de Setembro das 10h00

às 13h00, com o objectivo de despertar consciências para a importância da mobilidade alternativa e promover a prática desportiva num ambiente saudável.

Exposições na Galeria Municipal do Palácio Ribamar

A Galeria do Palácio Ribamar, é o local de eleição de muitos artistas que pretendem expor os seus trabalhos. Neste sentido, e tendo em conta a programação prevista até ao final do ano, tome nota das exposições que pode visitar nos próximos meses.

Exposição Colectiva de Artistas Plásticos Lusófonos

Pelo TAM / Circulo de Artistas Plásticos

Inauguração dia 7 de Setembro pelas 18h00; Patente ao público de 8 de Setembro a 1 de Outubro.

De terça a domingo das 10h00 às 13h00 e das 14h00 às 18h00

Exposição de Pintura e Desenho de Óscar Baeza

Inauguração dia 12 de Outubro pelas 18h00; Patente ao público de 13 de Outubro a 5 de Novembro.

De terça a domingo das 10h00 às 13h00 e das 14h00 às 18h00

Exposição de Pintura de Jorge Morato

Inauguração dia 11 de Novembro pelas 16h00; Patente ao público de 12 de Novembro a 3 de Dezembro.

De terça a domingo das 10h00 às 13h00 e das 14h00 às 18h00



Corrida do Tejo’06

No dia 22 de Outubro terá lugar a 26ª edição da Corrida do Tejo.

A primeira experiência de parceria entre a Câmara Municipal de Oeiras e a American Nike, resultou na projecção da Corrida do Tejo a nível nacional e internacional, passando a ser a prova mais participada em Portugal. Para o ano de 2006 pretende-se um incremento de qualidade perceptível por todos os participantes.

Em Setembro terão início os treinos de preparação para a prova que, à semelhança do sucedido em 2005, serão acompanhados pelos melhores atletas nacionais. Nesta edição espera-se atingir os 6.000 participantes.

Garantir uma prova de referência no calendário nacional, com índices qualitativos semelhantes às melhores provas europeias.

Reabilitação do Parque Anjos em Algés

O Parque Anjos tem uma importância reconhecida para a população ao nível cultural, paisagístico e botânico.

Com a Reabilitação do Parque Anjos pretende-se essencialmente, manter o carácter histórico da área de intervenção – bastante ligado ao romantismo, capacitando o espaço no sentido de:

- Instalação dum Centro Cultural que, numa forma global, usufrua da totalidade do Parque preservando todas as características consideradas relevantes quer no edifício quer no Parque propriamente dito,
- Criação de um desenho de linhas simples e contemporâneas que ampliem os diferentes espaços e usos, de modo a estabelecer e preservar ligações conceptuais com o romantismo e simultaneamente tornem o espaço mais funcional e aprazível,
- Criação dum Parque Botânico, dignificando o existente com novo mobiliário, sinalética própria que identifique as espécies botânicas observáveis, intro-

duzindo um novo design e contemplando a memória histórica e ambiental de Algés,

- Manutenção das actuais actividades de exterior por parte dos diversos escalões etários, reformulando-as e dignificando-as,
- Criação de novas vivências, como espaços para exposições, workshops, representações, anfiteatro, recreio activo, polivalência ambiental, exploração sensorial dos espaços, evocando as reminiscências históricas,
- Melhoria e modernização da iluminação geral do Parque.

A preservação da identidade conquistada ao longo do tempo considera-se um dos principais garantes da permanência deste novo espaço de cultura.

A obra, cujo investimento ascenderá ao montante de cerca de **3.300.00€**, prevê-se estar concluída em Setembro/Outubro.



Isaltino Morais “QUERO QUE QUEM ESTEJA EM OEIRAS, SINTA OEIRAS!”

entrevista de **Carla Rocha**
fotos de **Albérico Alves**

O Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, dá a sua primeira grande entrevista a um órgão municipal. Fala da situação que encontrou e do que pretende para o futuro. Nos temas evidentes e nos polémicos, a **OEIRASEMREVISTA** foi à procura de respostas.

Esta é a sua primeira entrevista a um órgão de comunicação social da autarquia a que preside, neste mandato, e será uma forma de dar conhecer as suas ideias e projectos para o futuro de Oeiras. Começando pelo princípio, o que é que sentiu quando se voltou a sentar na cadeira da Presidência? Quais foram os seus primeiros pensamentos, no momento em que ficou sozinho no Gabinete?

Permita-me que lhe responda com algum espírito. Pensei o que tinha pensado que ia pensar: pensei que aquele era o primeiro dia da minha nova missão. Confesso que não senti estranheza ou algum tipo de surpresa. Era simplesmente o regresso a uma casa onde fui feliz, onde me realizei pessoal e profissionalmente, e assim quero que continue a ser no futuro. Aliás, para dizer a verdade, nem tive muito tempo para grandes estados de alma. Assim que entrei no meu gabinete, começaram logo a chegar os problemas e não tive alternativa senão começar a pensar em respostas para eles. E até agora tem sido sempre assim.

Esteve ausente durante praticamente 3 anos. Oeiras teria sido diferente consigo como Presidente, nesses anos? O que teria feito, então, durante esse período?

Deixe-me que lhe diga que é uma pergunta difícil de responder, uma vez que não pretendo utilizar meios de comunicação social da autarquia, designadamente esta entrevista, para fazer combate político e muito menos acertar contas com o passado. Penso que seria uma enorme falta de respeito para com os leitores que se derem ao trabalho de ler estas linhas. Digo-lhe somente que no período em que estive afastado, por opção própria, da condução dos destinos desta autarquia, estive em silêncio absoluto para não perturbar o seu normal funcionamento. A primeira vez que falei foi para esclarecer a minha posição sobre uma eventual candidatura às eleições de 2005 e porque razões poderia avançar. Aí afirmei o que pensava e acho que não podia ter sido mais claro. Disse, na altura, que queria ver Oeiras a marcar o ritmo e não a marcar passo. Era o que entendia que estava a acontecer, mas isso, felizmente, já são águas passadas.

No seu programa eleitoral afirma: “este programa é para nós um contrato com o povo de Oeiras, que iremos cumprir pontual e escrupulosamente”. É um programa ambicioso, onde afirma querer colocar Oeiras entre as comunidades mais competitivas e dinâmicas da Península Ibérica e, a prazo, da Europa. Como pensa conseguiu-lo?

Vamos fazê-lo da seguinte maneira: dia após dia. Não há outra forma de lá chegar. É fundamental, em

cada momento, em cada pormenor, em cada decisão, ter consciência do tamanho da nossa ambição: colocar Oeiras entre os melhores dos melhores, não cá dentro, mas lá fora. Esse é o nosso novo horizonte e nunca o poderemos perder de vista. Tem a ver com a nossa capacidade de exigência e, francamente, só depende de nós lá chegarmos.

Mas, já agora, gostava de chamar a atenção para o seguinte. Esta não é uma ideia isolada, da cabeça do Presidente. Como vinha escrito na capa do meu programa eleitoral, se a memória não me traiçoa, a minha candidatura não é uma decisão pessoal, é a expressão de uma comunidade quanto ao seu futuro. Se vamos estar entre os melhores – e vamos - não é porque eu queira. É porque nós, nós os que vivemos ou trabalhamos em Oeiras, queremos e queremos muito. Penso que é a maior conclusão que se pode tirar do dia 9 de Outubro de 2005.

Oeiras possui uma das menores taxas de desemprego do país, o que é certamente motivo de orgulho para o Concelho. No entanto, a autarquia, por si só, não pode gerar emprego para todos directamente. Qual é a melhor forma de não deixar baixar esta fasquia?

Todos nós, homens e mulheres, temos consciência da importância de ter um emprego que assegure a nossa subsistência e nos permita melhorar o nível de vida. O emprego é cada vez mais o epicentro do nosso modo de vida. Por isso, perder o emprego ou, pior que isso, não conseguir um, pode ser de facto um drama.

Como diz, não cabe à Câmara de Oeiras conseguir emprego para os seus municípios. Mas podemos ajudar. Repare: Oeiras tem cerca de 160.000 habitantes. Só nos nossos parques empresariais – Arquiparque, TagusPark, Lagoas Parques e Quinta da Fonte – trabalham mais de 20.000 pessoas. Não será esta a resposta? É óbvio que temos de atrair para o Concelho mais e melhores empresas, fazendo-o continuamente.

E há duas formas de o conseguir: directamente, investindo em infra-estruturas modernas e adequadas para receber essas empresas; colateralmente, investindo no bem-estar social, acabando com as manchas de pobreza, integrando as diferentes dinâmicas étnicas, económicas e sociais, oferecendo equipamento social, educativo, de lazer e desporto de qualidade, que sejam atractivos e fixem a população que trabalhe no Concelho, fazendo de Oeiras um espaço pacífico, bonito, bem cuidado. Em qualquer dos casos, há ainda muito a fazer.

Durante a última campanha eleitoral, ouviu-se falar pela primeira vez em BIOPARK. Trata-se de mais um parque de

ciência e tecnologia ou é algo de diferente? Pode explicar-nos o que está por detrás deste nome ?

O BIOPARK é um conceito de desenvolvimento integrado de um certo espaço de Oeiras, tirando partido do potencial de alguns dos mais importantes centros de investigação já existentes. A partir do Instituto Gulbenkian de Ciência e da Estação Agronómica Nacional, a Câmara em conjunto com o Governo Central desenvolverá todos os esforços possíveis para aumentar os investimentos nas áreas da biotecnologia, biomedicina e nanotecnologias. O objectivo é criar uma zona de concentração de infra-estruturas científicas visando o apoio partilhado a micro-empresas e centros de investigação, num modelo de parcerias público-privadas, capazes de emprestar a Oeiras mais uma área de distinção, nacional e internacional.

Estamos a dar passos para este objectivo. Na Quinta dos Sete Castelos será criada uma residência para investigadores e a Câmara Municipal criou já uma das maiores bolsas de investigação em Portugal, visando atrair e fixar no Concelho a massa cinzenta necessária para a concretização desta nova marca distintiva de Oeiras.

Já não é mais possível pensar no futuro sem pensar em sustentabilidade. Oeiras caminha para a sustentabilidade?

Diz-se que a sustentabilidade é um conceito difícil de definir. Pois bem, eu faço-o numa palavra: Oeiras! Se há exemplo em Portugal do que é crescer de forma equilibrada e sustentada, o exemplo chama-se Oeiras. Não há nenhum índice de desenvolvimento onde não tenhamos crescido e chegado ao topo: poder económico; PIB per capita; capacidade de gerar emprego; número de licenciados e doutorados; etc. Temos até, veja só, a melhor média de matemática de todo o País!

Por isso, o nosso desafio actual é o de elevar os nossos padrões de desenvolvimento - que são bons e excelentes na dimensão do país-, para os níveis que caracterizam os municípios de vanguarda na Euro-

pa e em grande parte do mundo. O segredo para lá chegar, é fazê-lo exactamente de forma sustentada, sem deixar que ninguém fique para trás. Porque a nossa política será sempre a de potenciar o melhor que cada um de nós, indivíduo ou colectividade, tem para dar. Quero que quem esteja em Oeiras, sintam Oeiras!

Pensar estrategicamente no Concelho é fundamental. Não queremos que Oeiras cresça demograficamente sem que esse crescimento seja acompanhado das infra-estruturas adequadas, dos equipamentos necessários, seja ao nível social e cultural, seja ao nível ambiental para que o económico também esteja presente. Afinal, são estes os pilares da sustentabilidade. É por isso também que iremos apostar cada vez mais em políticas sociais e educativas, por exemplo.

Isso leva-me à pergunta seguinte, que se prende com a qualidade das ribeiras do nosso Concelho. O que podemos fazer para a melhorar, sabendo que se encontram a jusante?

O que se pode fazer já começou a ser realizado com a procura exhaustiva dos focos de poluição, a sua eliminação, e posteriormente, a requalificação desses espaços visando a criação de novos corredores verdes, capazes de darem novos espaços de lazer e de fruição da natureza aos munícipes.

Há muito tempo que fala em devolver o litoral aos munícipes. No seu programa eleitoral chega mesmo a propor que a marginal e a linha do comboio deixem de constituir uma barreira entre o Concelho e a sua linha costa. Vai passar das intenções aos actos?

Sabe que de boas intenções estão os municípios cheios. Depois, há o fazer. Porque é preciso trabalhar e, nesse capítulo, a Câmara de Oeiras e, é justo dizê-lo, o conjunto das suas freguesias, realizam um trabalho fantástico.

O nosso litoral é um bom exemplo disso. A limpeza diária das praias, o ordenamento e embelezamento dos espaços, a aposta em áreas de apoio de grande

qualidade, a realização de eventos culturais e desportivos, tudo isso faz parte do nosso dia a dia. Ora bem, a aposta vai exactamente nesse sentido. Abrir o litoral aos munícipes, sempre numa óptica de criar uma oferta de excelência.

E é com esse espírito que vamos arrancar com dois grandes projectos, muito em breve: a segunda fase do passeio marítimo, que irá ligar a Praia da Torre até Paço de Arcos e o desnivelamento da Estrada Marginal na Praia de Stº Amaro, de forma a reconciliar as pessoas com a sua orla ribeirinha. Serão dois grandes momentos deste meu mandato e quero vê-los concluídos o quanto antes.

A imagem de marca de Oeiras deverá passar, no futuro, também, por aquilo que qualitativamente fomos capazes de fazer em toda a orla ribeirinha. O trabalho já feito é elucidativo sobre o que continuaremos a fazer.

Mais uma vez, volto ao seu programa eleitoral. Noto que há alguma preocupação em deixar de olhar apenas para o litoral do Concelho e passar a dar mais atenção ao seu interior, designadamente às freguesias mais a norte, como Porto Salvo e Barcarena. Estas zonas, as mais rurais, vão merecer que tipo de intervenções por parte da Câmara de Oeiras?

Faz bem em citar tanto o meu programa eleitoral. É sinal de que o leu e é também a prova de que os programas eleitorais não devem ser vistos como mero desperdício de papel ou propaganda de ocasião. Mas isso é também responsabilidade de quem os escreve.

Quanto ao interior do Concelho, e talvez seja de assinalar o exagero da expressão – Oeiras pela sua dimensão territorial não dispõe na verdadeira acepção da palavra, de interior - existem de facto vários projectos que vão modificar e muito algumas zonas, tal como hoje as conhecemos. É o caso de freguesias como Porto Salvo e Barcarena, precisamente.

Na primeira, já nasceu o Taguspark e o Lagoas Park, dois parques empresariais emblemáticos do País e do melhor que se está a fazer na Europa. Irá nascer o novo Rossio de Porto Salvo, respeitando integralmente o espaço religioso que já lá existe, mas enriquecendo-o com novas áreas de lazer e cultura. Será concluído o processo de ordenamento de Bairros de génese ilegal e reformulado o parque escolar. Já Barcarena irá conhecer um conjunto de novos traçados rodoviários, facilitando o seu acesso, ao mesmo tempo que ficará dotada de um centro escolar integrado, com grande valorização da prática desportiva, e uma casa municipal de saúde associa-



da à IPSS reforçando a ajuda aos mais idosos, entre muitos outros processos.

A educação é hoje, para todos nós, uma área fundamental. Oeiras já possui a mais baixa taxa de abandono escolar e tem a mais elevada taxa de licenciados e doutorados do país. Qual é o próximo objectivo a atingir?

Na sequência da sua questão sobre o emprego, devo dizer que a educação é sempre a questão preliminar. Só a formação de indivíduos, enquanto profissionais e enquanto cidadãos, nos vai assegurar um futuro mais próspero. Isso é ponto assente.

Por isso, vamos investir e muito nos equipamentos escolares, nomeadamente os do 1º ciclo e do pré-





escolar, que são da responsabilidade directa da autarquia, mas também noutros que não o são directamente. Quero que os nossos alunos sejam os melhores e, para isso, quero dar-lhes as melhores condições.

Condições, primeiro dos edifícios e logradouros, equipamentos desportivos e equipamentos escolares, com forte oferta das novas tecnologias de informação para que todas as crianças tenham verdadeira igualdade de oportunidades.

Mas há mais. Em Oeiras apoiamos a excelência. Por isso, vamos dar corpo a um programa de Bolsas Científicas, apoiando os nossos melhores cientistas em áreas de vanguarda, como a Biomedicina, por exemplo. Será em Oeiras que os melhores cientistas vão querer desenvolver os seus trabalhos.

Prometeu em campanha eleitoral construir, em 4 anos, 3 novos Centros de Saúde. Isto se a administração central o não fizer, como diz que é responsabilidade desta. Se tal acontecer, vai mesmo avançar sozinho? E isso não significará parar outros projectos por falta de verba?

Não, uma coisa não tem a ver com a outra. Cada projecto deve ser visto na sua especificidade. O caso

dos Centros de Saúde tem a ver com a total falta de resposta por parte do Governo Central a estas exigências locais.

Mas nós não podemos esperar sentados, porque os outros se demoram a levantar. Vamos dar o primeiro passo e, se for preciso, o segundo e o terceiro. E depois, o Estado virá atrás de nós. Já foi assim antes. Agora, os novos Centros de Saúde de Carnaxide, Queijas, Barcarena e Algés serão uma realidade, alguns ainda neste mandato, aguardando-se neste momento, tão só, a cedência dos programas para a elaboração dos projectos da parte da ARS.

Tal como hoje está, o Sistema Automático de Transporte Urbano de Oeiras - SATU – parece uma obra falhada, sendo vulgarmente alvo de diversas críticas. Há alguma perspectiva para deixar de o ser, ou o problema vai arrastar-se?

Há, na sua pergunta, uma palavra-chave para a resposta que lhe vou dar; perspectiva. O SATU é um bom exemplo de como a perspectiva com que olhamos para um problema é fundamental.

Há a perspectiva dos que acham que o automóvel será o principal meio de transporte no futuro, que o petróleo é a energia que mais serve os interesses

da humanidade, seja lá qual for o preço a pagar por ele. Para esses, o SATU não passa de uma bizarrice. Depois há outra perspectiva. A perspectiva dos que querem, já hoje, apostar em alternativas menos poluentes, economicamente vantajosas e, sobretudo, susceptíveis de valorizar o espaço onde vivemos. Esses são os que estão dispostos a dar o benefício da dúvida ao SATU, como nova forma de encarar o desafio da mobilidade.

Concretamente, a próxima etapa do SATU - Oeiras-Parque / LagoasParque – está neste momento a ser tecnicamente estudada para poder arrancar rapidamente. Aí, começará verdadeiramente a poder avaliar-se a relevância e a utilidade deste inovador meio de transporte. Tenho a certeza de que o tempo fará justiça ao nosso SATU e, provavelmente, a muitos outros idênticos que o irão querer imitar.

Por fim, como é que pensa realizar os projectos a que se propôs, tendo em conta a actual situação financeira da Câmara? Não corre o risco de não cumprir o que prometeu?

O que eu prometo, eu faço. Se não fosse assim, acredite que não tinha sido eleito como fui.

Na última campanha eleitoral falou-se muito de valores. Quando aqui cheguei foi a primeira coisa com que me confrontei: 70 milhões de euros de passivo, 20 milhões dos quais para pagar com urgência. São de facto valores elevados e que traduzem um modelo de gestão que não é o meu. Mas, como nunca fui, nem conformado nem miserabilista, acredito que

esta é uma situação que somos capazes de superar. Já estacámos a sangria e agora é tempo de encontrar soluções financeiras que nos permitam recuperar o tempo e os dinheiros perdidos.

Aliás, quero nesta oportunidade afirmar que, apesar das dificuldades financeiras, acabou a Câmara de tomar uma decisão de enorme relevância para as famílias do Concelho. Trata-se de uma medida que nem nos tempos de abundância a Câmara ousou tomar. Refiro-me à taxa de IMI para 2007. Tendo consciência das dificuldades geradas pelo novo imposto do IMI, entendi propor à Câmara a sua redução em 12%, esperando, proporcionalmente e ao longo dos próximos anos, continuar a baixar até aos 25%. Naturalmente que a diminuição das receitas decorrentes desta medida irá ditar que, forçosamente, seja reduzida a componente despesa, designadamente ao nível da despesa corrente do Município, sem com isso afectar o investimento essencial à crescente qualidade de vida que queremos para os nossos munícipes.

Esse é o presente, mas para lá dele está o futuro. Porque é no futuro que está a verdadeira solução. Os projectos que apresento são ideias que trarão riqueza ao Concelho de Oeiras. Mais empresas, mais empregos, mais dinâmica, mais turismo, mais inovação, mais ciência, mais cultura, mais juventude. Tenho consciência que não será fácil. Mas, como já se percebeu, Oeiras não quer ir pelo caminho mais fácil, quer é ir pelo caminho mais certo.



PORTO DE ENCANTOS

texto de **Carla Rocha**
fotos de **Carlos Santos**

Um Porto de Recreio é bem mais do que um sítio onde os barcos encostam. Embora, na sua essência, nasça com uma função específica ligada às embarcações, tudo o que arrasta, lojas, pessoas, beleza natural, faz com que sejam sempre lugares procurados, apetecíveis, mesmo para os que não têm qualquer tipo de embarcação.

Em Oeiras nasceu, recentemente, um Porto de Recreio. Vamos provar que por detrás deste espaço à beira-mar plantado, existe muito de único.



O Porto de Recreio (PR) parece, embora ainda recente, não necessitar de apresentações. No entanto, fomos tentar perceber, junto do Director do porto, Eng. Fernando Domingues, a que se deve todo o sucesso antes mesmo da restauração estar a funcionar a 100%, coisa que deverá acontecer no início de Setembro.

O sucesso não se resume unicamente à procura por parte dos munícipes que, vindos do passeio marítimo, encontram neste espaço um sítio onde podem descansar, beber algo, ler qualquer coisa ou simplesmente distender o olhar mar fora; o sucesso vai mais além e prende-se com a essência do próprio porto. Os lugares de molhado estão mais que lotados. A lista de espera já parece infindável. O que vem ao encontro da ideia da edilidade quando pensou neste Porto como necessário para dar resposta a uma população que dispõe de embarcações de recreio e não dispõe de locais para esse feito. Verificava-se uma necessidade, na região, de equipamentos deste tipo e a esta escala. Se o Porto foi pensado para colmatar uma necessidade, por um lado, por outro foi fundamental para estruturar toda uma zona. Zona esta de que faz parte a Piscina Oceânica, a que se juntou o passeio marítimo e recentemente o Porto de Recreio. A construção deste equipamento integra uma das opções da autarquia no domínio da requalificação da orla ribeirinha, à qual se associam outros investimentos contemplando, por exemplo, o prolongamento do passeio marítimo até Algés. É toda esta dinâmica à volta do porto e que do porto imana que faz com que vários públicos procurem este espaço. Uma ambivalência de naturezas, de ofertas que se interagem. Já não é possível ir à piscina oceânica sem observar o porto e o Passeio Marítimo, e vice-versa. Funciona como que um convite para que cada



pessoa entenda as ofertas que possui. E é oferecendo este espaço à população que a autarquia devolve às suas gentes, a proximidade com o rio: “Isso é o que felizmente se está a passar em grande parte da Orla Ribeirinha. Está à vista a devolução do rio às pessoas”, afirma Fernando Domingues.

No entanto, um Porto de Recreio é um Porto de Recreio e neste âmbito possui dois conceitos: o conceito de residência, que serve as pessoas que alugam ao mês ou ao ano, sendo doze meses o prazo máximo; e o conceito de passante, que serve todos os que vêm até cá e ficam no barco até um máximo de 30 dias – aqui levou-se em conta o trânsito que passa pelo Atlântico (e neste caso a posição geoestratégica do nosso país e desta região assumem grande importância), seja no que respeita ao trânsito de passagem mais regional. O espaço lotado prende-se com os que procuram lugar de residência, onde a lista de espera já ultrapassa a centena. E onde é que estas pessoas têm o barco? Pois, tal como o Eng. Fernando Domingues explica “As pessoas que têm aqui o barco, ou trouxeram de outro porto ou compraram-no porque sabiam que tinham lugar. Há um mercado grande de embarcações que está entroncado por falta de lugares. Muitas das pessoas que estão em lista de espera, não têm barco, apenas comprando-o quando tiverem lugar para o guardar”. A pergunta que surge é se se deveria ter pensado no porto um pouco maior, para fazer face aos pedidos, mas também aqui Fernando Domingues tem



uma opinião muito franca:” A dimensão que temos é uma dimensão muito engraçada. Uma das coisas que as pessoas comentam é que está muito à escala humana. Cria-se um ambiente quase familiar. Mesmo a escala das edificações foram criadas tendo e conta esta ideia”.

Mais tecnicamente, este porto tem a capacidade para abrigar embarcações que vão da Classe I à Classe VI, ou seja, embarcações até aos 20/25 metros, havendo uma maior preponderância das classes pequena e média. Dispõe de 274 lugares de amarração, distribuídos por sete pontões e capacidade de estacionamento para 257 automóveis na redondeza do Porto.

Relativamente às infra-estruturas de apoio, integra um edifício de recepção que engloba um posto de turismo municipal, instalações para a Polícia Marítima, Serviços de Estrangeiros e Fronteiras, Guarda-fiscal e Alfândega. Há uma área comercial onde prevalece a restauração. Este porto possui um cais de honra, um posto de abastecimento de combustíveis, instalações sanitárias e locais para a indispensável recolha de resíduos, não esquecendo a área de estacionamento a seco para cerca de 100 lugares, dependendo do tamanho das embarcações. A Se-

gurança também não foi descurada, havendo a garantia de vigilância, 24 horas sobre 24 horas por um elemento devidamente identificado, bem como por um sistema de vídeo, através de um circuito fechado de televisão, com gravação de imagem.

Este porto encerra uma novidade relativamente a portos vizinhos: têm serviço 24H. A qualquer hora uma embarcação pode entrar e ter, inclusive, serviço de grua, bastando para isso que contacte o porto: “É uma inovação e uma mais valia para os nossos clientes”. Para além disso, possui todos os serviços que são necessários: estacionamento a seco, Doca seca, grua e lavandaria.

Por tudo isto, o Porto de Recreio assume, agora, protagonismo, integrado num complexo de lazer onde se inclui a Piscina Oceânica de Oeiras. Gozando de excelente localização, o futuro só pode ser uma continuação do sucesso conseguido até aos dias de hoje.

Poucos equipamentos encaixaram tão rapidamente num espaço físico como o PR. Embora tão recente, já não existe Oeiras sem o Porto de Recreio. E se o futuro trazer mais e mais portos, não há problema, porque este é o porto de entrada da Barra de Lisboa. É único e isso ninguém lhe tira!

Oito milhões de euros de investimento
274 Lugares de amarração em molhado
100 Lugares de estacionamento a seco
257 Lugares de estacionamento automóvel
Localização: 38° 40.60'N/9° 19.00'W
Calado máximo: 3m
Vento predominante: N e NW
Canal de Comunicação: VHF-canal 9



Paula Aresta À ESPERA DE NOVOS ANDAMENTOS

entrevista de **Guiomar Belo Marques**
fotos de **Carlos Santos**

Quem teve a sorte de não se perder nas constantes alterações horárias a que os seus programas foram sendo sujeitos na RTP 2, certamente não esqueceu Paula Aresta, a autora e apresentadora de *Andamentos*, o seu derradeiro programa de divulgação musical, onde, sem palavras complicadas ou erudição inacessível, foi ajudando vários telespectadores a melhor saber ouvir a chamada música clássica. Licenciada em Musicologia, lançou-se nos meandros da comunicação de massas pela mão de um excelente professor nesta matéria:

João de Freitas Branco. A paixão pela divulgação deste género musical fizeram-na renegar outros caminhos, eventualmente mais seguros, mas menos interessantes do seu ponto de vista. Aos 44 anos, Paula Aresta não desiste da ideia de voltar a pôr no ar um magazine musical. Talvez um dia destes um director de programação entenda a importância do seu trabalho e reconheça a responsabilidade e a função didáctica do canal de televisão que dirige. Essa seria, certamente, uma meritória decisão de quem dirige um serviço público.

Com que idade começou a estudar música?

Comecei com quatro anos, porque os meus pais acharam que eu deveria ter um complemento musical. Consideravam que qualquer pessoa com possibilidades deveria ser apetrechada, de modo a poder ter oportunidades de escolha. Por isso também fiz bailado para o qual, curiosamente, eu não tinha muita vocação.

Onde estudava, então?

Primeiro na Fundação Calouste Gulbenkian, que tinha uns cursos de iniciação musical que já não existem, e o ballet já nem me lembro, porque foi completamente irrelevante.

Algum dos seus pais tinha estudos musicais?

Não propriamente. Ambos gostavam muito de música e o meu pai chegou a cantar, tal como fez teatro amador. Portanto, tinham o bichinho da Arte.

Fez o ensino regular no particular?

Sim, sempre. Fui sempre tendo música na escola, porque era uma matéria curricular, mas não correspondia ao nível que eu, entretanto, já tinha, até porque no 1º ano do Ciclo Preparatório já eu estava no Conservatório.

Estudou algum instrumento?

Sim, piano. Tínhamos três anos de iniciação musical pelo método Worff e depois aprendíamos um instrumento.

Esse método em que consiste?

As crianças fazem educação musical sobretudo através do treino da memória e depois passa-se aos ferriños, os sininhos, etc. Na fase seguinte aprende-se a tocar um instrumento. Toquei flauta de bambu, que era um instrumento feito por nós. Aos sete anos comecei então a aprender piano com o intuito de fazer especialização.

O piano é um instrumento essencial, não é verdade?

Ainda hoje é um instrumento fundamental a partir de determinado nível.

Que características o tornam fundamental?

Para compor melodias em geral e para a harmonia, o piano é único, é um instrumento como nenhum outro. E quando se fala de piano, referimo-nos a instrumentos de teclas, como o cravo ou o órgão.

Quando começou com o piano ainda estava na Gulbenkian.

Ainda, depois seguíamos para o Conservatório, ao qual chegávamos ao 9º ano.

Na altura as crianças que estudavam música ou bailado no Conservatório frequentavam a Francisco Arruda, que ali tinha uma dependência para evitar grandes deslocações aos seus alunos. Foi o seu caso?

Não. Isso foi um projecto da Madalena Perdigão, na sequência da reforma Veiga Simão, era o chamado

Ensino Integrado: no piso de baixo funcionava a Francisco Arruda e em cima o Conservatório, mas com o 25 de Abril isso acabou, suponho que por a Madalena Perdigão estar conotada com o regime deposto. A Preparatória passou para um edifício perto do Passos Manuel, penso que também por haver queixas de que as crianças estragavam peças e objectos existentes no Conservatório. Na verdade os miúdos nem sempre se comportavam da melhor maneira.

Regressemos a si...

Fui estudando e quando estava no Propedêutico apareceu o curso de Musicologia, da Universidade Nova de Lisboa. Eu tinha pensado seguir Medicina...

Medicina?

Sim, gostava imenso. Com 17 anos ia para Santa Maria ver operações... É de tal ordem que, num dos meus últimos programas o tema era médicos que operavam com música e eu fui assistir à operação toda... Talvez por isso sou um pouco hipocondríaca, vejo sintomatologias e assim...

É comum as pessoas que frequentaram alguns anos de Medicina mas não se formaram terem esse problema.

Só que eu nunca frequentei...

Portanto, optou por Musicologia, não é verdade?

Que na altura se chamava Ciências Musicais e depois passou a adoptar a designação, creio que devido à tradição alemã, de Musicologia. E fomos, eu e mais duas colegas, as primeiras licenciadas em Portugal.

E o piano?

Quando estava no 2º Ano da Faculdade e ia passar para o 9º de piano, surgiu-me um convite para ser monitora na Universidade Nova. Tive de fazer uma opção entre a Faculdade e o piano e desisti deste último, o que não me preocupou muito porque se tivesse tido talento para solista de piano, o que não me parece que fosse o caso, provavelmente não teria gostado.

Porquê?

Por ser um trabalho muito solitário e eu gosto de estar acompanhada, de trabalhar com pessoas.

A sua escolha decepcionou alguém?

A minha professora de piano era a Olga Prats que ficou com muita pena de eu desistir, mas eu acho que hoje para se ser um solista tem de se ter mesmo muito talento e eu não sei se o tinha, pelo que poderia ter ficado condenada a dar aulas de piano, o que não me agradava muito porque não gosto de ensinar, embora enquanto estava a fazer o curso tenha dado aulas na Escola de Música de Linda-a-Velha.

Portanto, escolheu a Faculdade. E depois?

Quando estava no último ano, o João de Freitas Branco, que era lá professor, criou uma revista de música

e bailado chamada *S. Carlos* e convidou-me para fazer parte da Redacção. A primeira entrevista que fiz foi com o Alfredo Klaus. Houve quem pensasse que ele nunca me daria por eu ser ainda uma miúda, mas os meus pais eram amigos da secretária dele e eu pedi-lhe que falasse com ele. Ela disse-me que ele aceitara, mas só me dava cinco minutos. Fui para Madrid e ele recebeu-me em sua casa onde me deu uma entrevista de hora e meia. Foi nessa altura que percebi que as pessoas verdadeiramente talentosas são também as mais simples. Quando regresssei foi uma festa porque, para todos os efeitos, ele era o grande Klaus. Depois o Freitas Branco convidou-me para ser assistente de palco no S. Carlos.

O que faz um assistente de palco?

Vamos lendo a partitura e vamos dando entrada aos artistas em função das marcações.

E a revista?

Fui mantendo as duas coisas. Uma ocasião, a RTP estava a gravar uma ópera e o responsável pelo departamento musical perguntou-me se eu não queria ser assistente musical na televisão.

Tratava-se de fazer o mesmo mas em televisão, não é verdade?

Dirigia a entrada das câmaras e dos planos em função das partituras, o que é mais ou menos o mesmo, mas um pouco mais complicado, porque temos de ter algumas noções de televisão para não darmos indicações erradas.

Trabalhou com muitos realizadores?

Principalmente com o Manuel Oliveira e Costa, que foi com quem mais aprendi, embora também tenha traba-

lhado com o Jaime Campos e com a Cecília Neto, mas com ele trabalhei muitos anos e também foi o primeiro. A RTP considerou que havia ali uma boa parceria e ele especializou-se na área musical.

É na sequência desse trabalho que começa a fazer os *Magazines Musicais*?

A RTP começou a pensar num Magazine e eu comecei a fazê-lo em co-autoria com o Ricardo Lopes. Eu não tinha experiência de televisão a não ser atrás das câmaras e ele não tinha muita disponibilidade porque estava naquela que é hoje a Orquestra Sinfónica Portuguesa e acabou por sair. Portanto, fiquei como única autora do programa, que foi tendo vários formatos e nomes, até ao *Andamentos*, que acabou em 2002. Procurei que, no essencial, a estrutura fosse a de um programa de divulgação, tentando falar da música nas outras áreas, com o objectivo de alargar um pouco o leque de público.

Se não estou equivocada, o seu programa teve bastante receptividade e era muito elogiado...

Nunca tive uma crítica negativa, mas com o *Andamentos* a faixa etária subiu um bocadinho.

Mudava era muitas vezes de hora e de dia, se bem me lembro... O que aliás é uma tragédia permanente na 2.

Permanentemente. É muito complicado fidelizar público assim... Uma pessoa conseguia uma entrevista com um grande artista, como o Carreras ou o Plácido Domingo, e depois era uma frustração porque ia para o ar às duas da manhã... Mas nunca esmorecemos, nem eu nem a equipa, porque há brio profissional naquilo que se faz. Aliás, um dia, a RTP chegou mesmo a anular-me um programa, o que foi inconcebível, precisamente por se tratar de um programa de divulgação.

E ninguém aprecia música erudita se não tiver o ouvido educado.

Claro, as pessoas para gostarem têm de saber ouvir e estar familiarizadas com a música. Não tenho nada contra a música ligeira, mas é incompreensível que os responsáveis não considerem a importância de ir ouvindo. A oferta daquilo que aliena as pessoas é tão grande, que nem param para ouvir outra coisa. A minha filha, que tem dez anos, sempre foi ouvindo música clássica e não deixa de gostar da música que todos os miúdos da idade dela gostam, só que sabe ouvir música erudita. No meu percurso pela televisão estive dois anos sem fazer programas de divulgação para me dedicar a documentários sobre pessoas de destaque na nossa musicologia. Agora, a 2, não tem qualquer programa de divulgação musical.



Nem cultural.

Já não queria ir tão longe, mas a verdade é que quando uma televisão estatal não tem um programa nestas áreas, é grave!

Como conviveu com a exposição pública?

As pessoas reconheciam-me com apreço. Aliás, o maior elogio que recebi foi quando um dia, estava eu na Serra da Estrela, um pastor me perguntou se eu era a Paula Aresta, tal como me aconteceu com um pedreiro, na rua. Portanto, não me venham dizer que não há pessoas interessadas em ver programas como os que eu fui fazendo. Não se pode é dar as coisas de uma maneira densa, dar-lhes Stockhausen sem estarem preparados para o ouvir, não se pode dar assim sem mais nem menos, porque as pessoas, tal como as crianças em idade escolar, têm um ouvido formal. Portanto, há que saber sensibilizar e divulgar, de maneira a irem aprendendo a ouvir.

Já tentou apresentar novas propostas a outros canais de televisão?

Já apresentei propostas aos canais privados, mas disseram-me que o meu programa não se coadunava com o público-alvo das suas estações.

E a RTP?

Trabalhei com a RTP entre 1988 e 2002 portanto, se não me dizem nada é porque não estão interessados.

A sua carreira como monitora terminou?

Fui monitora durante quatro anos mas não gosto muito de dar aulas. Nunca fui rato de biblioteca, por isso investigar não é para mim.

O que está a fazer neste momento?

Neste momento estou a trabalhar no Festival Rota dos Monumentos para o qual fui convidada pelo Tito Celestino da Costa, para assegurar a área da divulgação. Embora decorra no Verão, não tem muito a ver com os festivais tradicionais. Portanto, isto é o que irei fazer até Setembro. Depois, não sei.

Foi sempre trabalhadora independente?

Sempre. Quando a minha filha nasceu, ao fim de 15 dias estava a trabalhar.

Portanto, nunca soube o que é receber um subsídio de férias ou de Natal.

Não!

Isso não a assusta?

Nunca me assustou, mas se calhar hoje começa a assustar um bocadinho. Foi um risco que fui correndo para poder fazer aquilo de que gostava.

Ou seja, em termos profissionais vive sem rede.

Completamente sem rede!

E nunca lhe aconteceu não ter nada de concreto?

Estive, não completamente, mas sem actividade re-



gular diária durante quatro anos. Fui tendo coisas pontuais mas nada de regular.

E essa situação não a enferrujou? Quando se pára, retomar uma actividade pode ser complicado. Não sentiu isso?

Agora, quando retomei, tive, efectivamente, algum medo, mas depois apercebi-me de que estava tudo no lugar e tranquilizei-me. Mas é verdade que há um sentimento de grande frustração quando não podemos fazer aquilo de que gostamos.

Aquilo de que verdadeiramente gosta é de trabalhar na Comunicação Social?

Sim, é verdade, é aquilo de que mais gosto.

Porque também já fez rádio.

Fiz, durante dois anos, o *Allegro Vivace*. No fundo, aquilo que me agrada é pôr os conhecimentos que tenho ao serviço de uma comunidade maior.

Voltar a estudar, para fazer Mestrado e Doutoramento, nem pensar?

Não! Quando se segue uma carreira universitária faz todo o sentido, mas se não for esse o caso, penso que os graus académicos só servem para se dizer que se tem o mestrado ou o doutoramento e isso para mim não faz qualquer sentido. Além disso, o mestrado teria de ter surgido a seguir à licenciatura, mas como fui tendo sempre muitas coisas que me ocuparam e que me davam prazer... Por outro lado, no caso do meu curso, se calhar o mestrado não adianta muito relativamente à licenciatura que fiz.

A sua filha está a estudar música?

Estuda violoncelo na Orquestra Metropolitana de Lisboa, um bocadinho a contra gosto, mas com imensa facilidade, com mais do que a que eu tinha, porque a música faz parte da vida dela, como a ginástica. Mas ela gosta de hip hop, como qualquer jovem da sua idade.

O seu marido tem alguma relação com a música?

Não. Também toca, mas é só isso.

Dão concertos em casa?

Não. Já houve uma altura em que ajudávamos a nossa filha e acompanhávamo-la, mas a nossa vida não proporciona muito esse tipo de lazer.

Quando olha para trás, que balanço faz da sua vida?

Sempre tive a grande sorte de poder fazer aquilo de que gosto e ainda me pagarem por isso. Depois, ao longo da minha vida profissional, tive momentos muito interessantes e de grande enervamento, mas de muita felicidade. Portanto, faço um balanço positivo. Dentro daquilo que a música pode dar a uma pessoa já fiz muita coisa. O que só me enriquece, porque acumulei conhecimento nas várias áreas.

Não se arrepende de não ter seguido Medicina?

Não. Nos tempos em que estive parada fiz voluntariado e, talvez Freud o explique, escolhi o Serviços de Urgência do Hospital de S. Francisco Xavier. Admiro muito as pessoas que todos os dias salvam vidas, mas não lamento não ter feito Medicina.

Porque decidiu ser voluntária?

Porque precisava de me sentir útil e como não o estava a ser a nível profissional tive de o ser de outro modo. Depois tive de largar por falta de tempo porque gosto de fazer as coisas a cem por cento.

É uma pessoa com preocupações sociais?

Sou. O que mais me impressionou foi ver que na altura do Natal havia pessoas que iam deixar os pais ao hospital e se iam embora, como quem vai comprar tabaco. Isso foi horrível. Tal como uma senhora que lá estava por ter tentado suicidar-se e depois, quando vi a família dela, percebi a razão. Há pessoas completa-



mente abandonadas. Nós lemos nas notícias que há situações destas, mas quando contactamos com essa realidade de perto é muito diferente e torna-se muito difícil não levar isso para casa. Vê-se muita podridão de sentimentos naqueles sítios e isso é complicado.

Sente-se grata com o facto de os seus pais a terem posto a estudar música tão pequenita?

Não só porque me puseram a estudar música, mas também porque sei que se sou a pessoa que sou o devo àquilo que eles me ensinaram. Encaixaram o papel de pai e de mãe na perfeição. Se calhar o terem-me posto a estudar música até é irrelevante em relação a todo o resto. O mais importante é aquilo de que foram capazes por mim. Para me inscrever na Gulbenkian, o meu pai passou uma noite inteira na fila, porque as vagas não eram muitas.

Valeu a pena.

Sem dúvida!

Trajectos

Pouco amiga da prática desportiva, Paula Aresta gosta, contudo, de andar a pé. Por isso, as longas caminhadas são-lhe particularmente agradáveis. E se, por diversas razões, caminha mais à beira-mar no concelho de Cascais, isso não a impede de exercitar as pernas no Passeio Marítimo de Oeiras, ou no Parque que existe em Miraflores, onde mora. Sem o hábito de frequentar cafés à porta de casa, é assídua nas salas de cinema locais e frequenta os supermercados da freguesia. Depois de ter vivido em Carnaxide, mudou-se para aqui, um local que considera mais aprazível e “bem mais agradável”, além de lhe encontrar a vantagem de estar perto de Lisboa.



**1º vencedor do concurso de fotografia
“Oeiras e o Planeta Terra”**

Miguel concorreu por sugestão da esposa. Morador em Oeiras, escolheu para o concurso uma fotografia que tinha tirado na Cruz-Quebrada há uns tempos. A exposição lenta fez com que a água pa-

recesse densa. É no preto e branco que se realiza como fotógrafo. Bichinho este deixado pelo pai que tinha uma câmara escura. A fotografia é um hobby há longos anos.

Centro da Sagrada Família Um exemplo de Solidariedade

texto de **Raquel Viana**

fotos de **Carmo Montanha**

Ânimo, generosidade, sensibilidade e simpatia são características que fazem do Centro da Sagrada Família, em Algés, um exemplo do que se espera que no concelho de Oeiras se faça em prol do desenvolvimento e qualificação do património humano.

Visitámos o Centro da Sagrada Família num dia de festa. Na cozinha, onde se sentia o odor a bolo de chocolate, faziam-se os preparativos para inaugurar uma ludo/media/biblioteca. Esta nova sala, há muito ambicionada, foi viabilizada por colaboração externa, tal como muitas outras coisas que lá acontecem, fruto da imaginação e criatividade de quem ali trabalha mas, também, da cooperação da comunidade e de instituições públicas e privadas. E as ajudas chegam de todo o lado, não fosse o Centro da Sagrada Família um exemplo de trabalho em prol da população mais desfavorecida e da criação e manutenção de laços com os mais variados sectores da comunidade.

Gerido pela Fundação da Obra Social das Religiosas Dominicanas Irlandesas, este Centro desenvolve um projecto de luta contra a exclusão e a pobreza, através da implementação de estratégias inovadoras e viabilizadoras de inclusão, tendo em vista a integração e a qualificação dos indivíduos e das famílias, nomeadamente daquelas que dispõem de menos recursos económicos e culturais.

O Centro acolhe crianças e jovens na sua maioria oriundos de famílias socialmente e economicamente desfavorecidas, tendo como valências Creche (dos quatro meses aos três anos de idade), Jardim de Infância (dos três aos seis anos), Actividades de Tempos Livres (dos seis aos 13 anos) e cursos de actualização de português e matemática.

Mas esta instituição vai mais além, pois oferece também formação profissional, de modo a proporcionar

qualificação escolar aos indivíduos que não tiveram a oportunidade de estudar na idade normal e com o objectivo de contribuir para a eliminação da exclusão profissional e escolar. Deste modo, proporciona a jovens e adultos (desempregados), com mais de 15 anos, cumprirem a escolaridade obrigatória, elevando o seu nível escolar e dando-lhes uma certificação profissional bem como uma familiarização com uma área de trabalho, o que é fundamental nos dias de hoje em que há muita variação de emprego e é necessário haver aptidão para desenvolver vários tipos de tarefas.

Também aqueles que estejam desempregados e/ou incluídos no Programa de Rendimento Social de Inserção encontram neste Centro a oportunidade de frequentarem cursos de formação extra-escolar que vão desde a assimilação de regras básicas de convivência social, à aprendizagem das tarefas domésticas essenciais ou à sensibilização para ocupação de tempos livres, entre outros.

Neste ano lectivo estão a ser ministrados cursos de educação formação/acompanhante de crianças para pessoas a partir dos 15 anos e cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA) – Acompanhante de Crianças para activos maiores de 18 anos. Ambos dão equivalência ao 9º ano de escolaridade e saída profissional de Acção Educativa.

No dia da nossa visita estava a decorrer um teste sobre Costumes Tradicionais e Tradições de Portugal, uma das disciplinas que fazem parte do Curso de Co-



zinha e Doçaria Tradicional Portuguesa, frequentado por 15 formandas. Falámos com a orientadora Elsa Santo Nome, que nos disse tratar-se de um grupo muito heterogéneo de pessoas, já que é maioritariamente “constituído por mulheres desempregadas com diferentes percursos de vida”, o que requer “grande capacidade de liderança”. Estão também a decorrer cursos de formação extra-escolar de artes decorativas, onde se aprendem várias técnicas tais como pintura em gesso, restauro e bordados, entre outras.



Na área da psicologia, o Centro conta com a colaboração de uma psicóloga ali integrada ao abrigo de um estágio profissional, que presta apoio às crianças, em estreita colaboração com as educadoras. Dos 48 meninos e meninas identificados com necessidade de apoio nesta área, a psicóloga apenas consegue apoiar os casos prioritários. Também tem acompanhado algumas famílias e formandos da Instituição. De referir ainda que, alguns dos funcionários foram ali integrados à luz de um projecto desenvolvido com o Centro de Emprego, como é o caso de Graça Gonçalves que viu terminar um período difícil de desemprego, encontrando-se agora a desenvolver várias funções no Centro, prestando uma ajuda preciosa aos afazeres da cozinha.

Sempre em evolução

Após a sua criação, que ocorreu em 1993, verificou-se que o trabalho em exclusivo com crianças era insuficiente. Apesar de todos os esforços que eram realizados de modo a transmitir às crianças as regras básicas de higiene, alimentação e saúde, muitas vezes as expectativas eram contrariadas pelas próprias famílias. Deste modo, o Centro da Sagrada Família passou a organizar junto dos agregados familiares pequenas sessões de formação, fornecendo elementos básicos de organização pessoal e social,



nomeadamente na área da educação social e familiar e das regras de higiene e cuidados primários de saúde, tais como planeamento familiar (informação e encaminhamento para a consulta), higiene (do meio-ambiente, habitacional e corporal), informação sobre as regras de uma alimentação equilibrada, prevenção de alcoolismo e de toxicodependência, vacinação e prevenção de acidentes.

Mas a formação também se realiza para os colaboradores do Centro. Indo ao encontro das necessidades encontradas no seu dia-a-dia têm sido realizados cursos de formação para internos na área de relações interpessoais, primeiros socorros, cuidados de saúde na criança e higiene e segurança no trabalho, entre outros.

Voluntariado

Muitos são os que colaboram com o Centro da Sagrada Família, disponibilizando-se tanto a nível profissional como através da doação de vários produtos, que vão desde alimentos e vestuário a mobiliário, entre outros.

Todos estes bens são preciosos para o Centro poder prestar apoio às famílias mais necessitadas, fornecendo-lhes produtos através de um banco alimentar e outros, tais como calçado, vestuário, produtos de higiene e muito mais. Refira-se que 100 famílias, identificadas com necessidade de apoio social, recebem alimentos do banco alimentar.

De facto, o voluntariado é uma das “pedras de toque” do trabalho realizado nesta instituição que encontra as mais variadas ajudas. Por exemplo, “algumas mães de alunos da Escola Internacional, em S. Domingos de Rana, têm colaborado tanto na oferta de produtos alimentares, como na elaboração dos sacos dos produtos ofertados e até na ajuda financeira para transporte de crianças, para a aquisição de batas e chapéus e muitas outras coisas”, disse-nos Amélia Borges, coordenadora técnica do Centro.

Há também voluntários para apoio ao ATL, para o acompanhamento ao estudo, e à Creche como, por exemplo, a professora de ginástica que, gratuitamente, ali se desloca uma vez por semana, proporcionando às crianças a prática da educação física, fundamental ao crescimento.

Várias embaixadas têm prestado apoio ao Centro, colaborando de várias maneiras e uma bastante original foi a de levar a ajuda de marinheiros americanos que, durante a sua paragem em Lisboa, pintaram os edifícios. Beatriz Quintela, da operação Nariz Vermelho, é outra



das pessoas que tem colaborado com o Centro, animando as festas. Este ano impulsionou o Festival da Primavera que durante duas semanas envolveu toda a escola e até a comunidade local, que também fez questão de participar: por exemplo, o talho ofereceu a carne e a florista fez os arranjos.

As ajudas também chegam de longe, de um casal holandês que conhece a instituição e que todos os anos pelo Natal envia vários caixotes com roupa e calçado para as crianças, famílias e formandos.

“É Deus que faz estas coisas” diz-nos a Irmã Inês, irlandesa mas “de coração português”, já que está no nosso país há mais de 40 anos.

Todos podem ser voluntários desta instituição, basta contactar o Centro (localizado na Quinta do Leonel, em Algés – Tel.: 21 410 7981) e preencher uma Ficha de Voluntariado.

As necessidades do Centro

As listas de espera são longas e à falta de creches na área de Algés, este Centro quer aumentar a Creche e reformular a já existente. Além do mais é necessária mais uma sala para Jardim de Infância, outra para apoio à comunidade e seria bem recebida a criação de um espaço polivalente para várias actividades, nomeadamente para servir de ginásio.

O apoio da Câmara Municipal de Oeiras

Pelo ânimo encontrado nas pessoas que constituem o Centro da Sagrada Família, porque muitas vezes são encontradas dificuldades em desenvolver projectos com poucos recursos, obtendo resultados positivos; pela generosidade verificada através do apoio prestado, através dos seus métodos de ensino e formação, dando alento aos que mais precisam; pela sensibilidade para as questões mais importantes da vida como sejam o direito ao ensino e à educação, prometendo um futuro melhor; e, pela simpatia verificada nos afectos e amor que se sente nesta instituição. A Câmara Municipal de Oeiras, atenta ao que de melhor é realizado em prol dos munícipes, tem cooperado com o Centro da Sagrada Família, desde 1993, atribuindo verbas e apoio logístico para o exercício da sua actividade.

Deste modo, a autarquia já atribuiu à Associação subsídios no valor total de cerca de 106 mil euros, para manutenção de actividades, equipamento e obras, bem como para o apoio a actividades formativas. Além do mais a Câmara ofereceu e construiu um parque infantil no recreio e tem vindo a prestar apoio tanto logístico como na organização de eventos.



Actualmente está a ser realizado um estudo de possibilidades para continuar a apoiar o Centro da Sagrada Família, nomeadamente em relação à possibilidade de ampliação da sua ampliação.

Esta colaboração da autarquia insere-se no âmbito do programa de apoio às IPSS que actuam no concelho - prestando serviços de apoio à comunidade em diversas áreas -, de modo a auxiliar a população mais desfavorecida do concelho e a incentivar a sociedade civil a envolver-se neste tipo de projectos.

Sobre a Fundação

A Fundação Obra Social das Religiosas Dominicanas Irlandesas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social aprovada pelo Ordinário Diocesano de Lisboa, sem qualquer finalidade lucrativa.

As actividades desta instituição vão ao encontro do apoio de crianças e jovens, bem como da educação e formação profissional.

Além do mais, pretendem contribuir para a saúde e o bem-estar em geral, através da promoção de actividades desportivas e recreativas. A Fundação tem também por objectivo proteger aqueles que mais precisam, destacando-se os indivíduos na velhice e na invalidez. Para a concretização destes objectivos, a Fundação desenvolve a criação de centros de ocupação de tempos livres.

No seu trabalho inclui-se, ainda, uma vertente de cooperação em projectos que visam a melhoria das condições de vida das populações de países em desenvolvimento e, também, a extensão da acção social a alguns estabelecimentos prisionais.

2º Lugar do concurso de fotografia "Oeiras e o Planeta Terra"

Rui Manuel Soares nem é do concelho. Vive no Barreiro, mas quando soube do concurso, avivou a memória à procura dos dias em que, há anos, passou pelo centro de Oeiras por motivos de trabalho. Voltou ao centro e focou o olhar no painel que cobre o Palácio do Egipto. Quis distanciar-se das fotografias banais. De olhares já gastos.

A fotografia, para Rui Soares, é um hobby.





GE volunteers

Catarina Noronha, GE Volunteers “O VOLUNTARIADO HUMANIZA”

texto de Sónia Correia
fotos de Carmo Montanha

Voluntário (do latim voluntariu), que procede espontaneamente; sem constrangimento; que se faz de livre vontade. A definição, retirada do dicionário de língua portuguesa, é esta. O conceito, esse, encerra um universo de sentimentos, emoções e convicções. Ser voluntário é, também, um estado de alma. E existem, em Portugal, empresas a incentivá-lo.



A General Electric (GE) é uma empresa norte-americana com mais de um século de história, implantada em todo o Mundo, e também em Portugal. Na GE, o projecto de voluntariado envolvendo empregados e aposentados da empresa – hoje GE Volunteers – nasceu, de forma quase espontânea, em 1928.

Por ser tão antigo, considera-se, actualmente, que esta política de responsabilidade social é já intrínseca à própria empresa.

“Costumo dizer que a GE Volunteers faz parte do ADN da GE”, reforça Catarina Noronha, uma das responsáveis, no nosso País, pelo desenvolvimento de projectos de voluntariado envolvendo funcionários da empresa, sediada na Quinta da Fonte, em Oeiras.

Fundada com o objectivo de prestar serviços à comunidade – e de forma muito particular à comunidade onde cada uma das GE está inserida – a GE Volunteers congrega, actualmente, mais de 53 mil membros e está presente em todo o Mundo, em 143 filiais da GE.

“Podemos orgulhar-nos de fazer a diferença em comunidades de todo o planeta, seja enquanto ajudamos refugiados na Holanda ou crianças carenciadas em França, quando reconstruímos escolas na Malásia ou reintegramos idosos em Portugal”, explica Catarina Noronha.

A dimensão da empresa – é hoje uma das maiores do Mundo – permite que o projecto de voluntariado assumam uma cobertura muitíssimo abrangente.

Em Portugal a GE Volunteers foi criada em finais de 2003, tendo-se constituído como Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS).

“Em apenas dois anos abraçámos mais de dez projectos, envolvendo mais de 300 voluntários e cerca de 500 horas de voluntariado. No total, mais de 300 famílias já beneficiaram do trabalho da GE Volunteers”.

Um dos princípios base da associação é actuar junto das comunidades onde se insere a filial GE em causa. Daí que o território do concelho de Oeiras seja o eleito para o desenvolvimento da maioria das acções de voluntariado levadas a cabo, ainda que não o único.

Captar e entender as necessidades mais prementes dessa mesma comunidade nem sempre é fácil. Foi nesse sentido que GE Volunteers e Câmara Municipal

de Oeiras deram as mãos e uniram esforços em nome de uma causa que é de todos.

“Em Setembro de 2004 celebrámos, com a Câmara Municipal, um protocolo de colaboração, no âmbito do projecto Oeiras Solidária e tem sido a Câmara uma das nossas principais aliadas a este nível, ao seleccionar quem mais precisa da nossa ajuda”, aponta Catarina Noronha.

A selecção das entidades a apoiar é feita de forma criteriosa. Todos os projectos que a GE apoia beneficiam, obrigatoriamente, de trabalho de voluntariado e não apenas de apoio financeiro.

Sensibilização ambiental, campanhas de recolha de alimentos e vestuário, ajuda a idosos e a famílias desfavorecidas, recuperação de edifícios, prevenção de comportamentos de risco e da toxicod dependência, apoio directo a outras entidades de solidariedade social, enfim, são diversificadas as áreas nas quais a GE Volunteers actua.

Catarina Noronha explica que as solicitações também chegam por intermédio de funcionários da empresa e que o recrutamento é feito após a análise e aprovação do projecto.

“O repto é lançado através do nosso departamento de comunicação interna. Explica-se em que consiste o projecto, qual o objectivo e quantos voluntários são necessários. A adesão é sempre tão grande que as inscrições têm de ser fechadas em poucos dias”.

Para a GE Volunteers todos os projectos são, naturalmente, importantes, mas pela sua dimensão, em termos de voluntariado, alguns têm merecido especial destaque.

É o caso do trabalho desenvolvido com os “Francisquinhos”, uma associação de pais e amigos de crianças nascidas no Hospital S. Francisco Xavier. O objectivo é ajudar crianças com problemas e as suas famílias. A GE Volunteers esteve envolvida, com outras empresas, no projecto que incluiu a criação de uma sala de

formação para a associação, totalmente mobilidade e equipada com material informático.

As crianças foram também as principais beneficiadas de um outro projecto de voluntariado, desta feita desenvolvido com a Casa do Parque, um centro de acolhimento da Associação Crescer Ser – Associação Portuguesa para os Direitos dos Menores e da Família, que acolhe duas dezenas de crianças.

Quarenta voluntários da GE empenharam, neste caso, esforços, essencialmente, ao nível da construção civil.

Arregaçaram, literalmente, mangas, pintaram paredes e muros exteriores, substituíram o pavimento do chão e avançaram na limpeza de um enorme aquário ali existente. Conferiram, numa palavra, brilho à casa. No Bairro dos Barrinhos, em Carnaxide, os voluntários da GE entraram em campo para proporcionar uma tarde diferente às crianças do bairro. **“Preparámos um lanche e passámos uma tarde a brincar com os meninos. Jogámos à bola, jogámos matraquilhos, organizámos jogos tradicionais e passámos tempo com as famílias. Cerca de 120 famílias foram abrangidas por esta actividade”**, recorda Catarina Noronha.

A Associação Coração Amarelo é outra das entidades apoiadas. Trata-se, conforme registou Catarina Noronha, de uma associação que visa dar apoio a pessoas idosas – são cerca de 40 – que se encontram em si-

tução de solidão ou dependência. Actuam ao nível da reintegração social e levam a cabo programas de apoio domiciliário integrados em acções de serviço social.

“Não são muitos os voluntários envolvidos neste projecto, mas são pessoas que o fazem de uma forma continuada”. Isto significa que um grupo, pequeno, de funcionários da GE acompanha idosos em visitas culturais e passeios, actuando essencialmente ao nível psicológico. **“São pessoas que, em muitos casos, precisam de ter alguém com quem conversar. Sentem-se sós. A velhice, acompanhada de solidão, é, neste caso, o pior dos males”**. Noutros casos a GE Volunteers colaborou de forma pontual, como aconteceu com a Casa de S. Bento ou com a Ajuda de Mãe que beneficiaram, essencialmente, de trabalho de recuperação das instalações, ou com o Instituto Português do Sangue, onde os voluntários contribuíram com mais de 100 ml de sangue.

Tal como aconteceu nos Estados Unidos, também em Portugal a General Electrics está implantada há mais anos do que aqueles que o Volunteers conta de vida. Também aqui o projecto de voluntariado nasceu da vontade dos colaboradores da empresa.

Sabendo da existência do projecto, noutros países, foram os funcionários da empresa quem sentiu essa necessidade.



“Conforme disse, tudo isto acontece de uma forma muito natural. Nada, a este nível, é imposto a quem quer que seja. Simplesmente, está tão enraizado, faz de tal forma parte dos valores e da cultura da empresa que acontece, assim mesmo”.

Catarina Noronha não tem dúvidas ao afirmar que o envolvimento num projecto de voluntariado constitui **“uma fonte de grande motivação e de satisfação para todos os empregados. Faz-nos muito orgulhosos da empresa onde trabalhamos e do bem-estar que nos proporciona, a diversos níveis”**.

“Todos os nossos voluntários se envolvem realmente nos projectos que abraçamos e é extremamente gratificante saber que estamos a fazer bem aos outros e a dar o nosso melhor em prol de uma causa comunitária”.

Para a empresa, o projecto Volunteers é mais uma vertente da sua personalidade enquanto companhia. Para lá da comercialização de produtos e serviços, que sustenta a viabilidade económica da empresa, a responsabilidade social assume papel determinante e faz dela, no entender dos seus responsáveis, uma empresa ainda mais inovadora.

“Não nos focamos apenas no negócio. Sabemos que podemos desempenhar, e assumimo-lo, um papel como responsáveis sociais na comunidade”, justifica Catarina Noronha.

Prova disso é o facto de a maior parte das acções de voluntariado decorrerem durante a semana.

“A GE disponibiliza tempo aos seus quadros para poderem colaborar nestes projectos. A Volunteers é um projecto

de tal forma importante e enraizado na GE que a empresa possibilita que isto aconteça. Mais, apoia-o. O apoio ao envolvimento dos seus colaboradores é, de facto, a nota de maior destaque”, sublinha aquela responsável.

Para os empregados, isso resulta em níveis de satisfação e de motivação extra.

“Acredito que isto faz parte do processo de crescimento, pessoal e profissional, de todas as pessoas que trabalham em empresas com a dimensão da GE. Perceberem o que a empresa, enquanto entidade responsável e agente da sociedade, pode fazer para ajudar quem mais precisa”.

Catarina Noronha lembra a acção desenvolvida em conjunto com a associação dos Francisquinhos e utiliza-a como exemplo do que defende.

“Foi um trabalho pesado e cansativo, que decorreu ao longo de um dia inteiro. Não era, no entanto, possível disponibilizar um grande número de voluntários durante um dia inteiro, até porque isso, num dia de semana, perturba a actividade profissional. Daí que a empresa tenha disponibilizado meios de transporte, para que as pessoas pudessem organizar-se por turnos e assim orientar a sua vida profissional, ao mesmo tempo que colaboravam com o projecto”.

Num outro caso, este fora das fronteiras do concelho de Oeiras, a actividade decorreu durante um fim-de-semana, na Serra d’Aire. Envolveu cerca de 40 voluntários que colaboraram na reflorestação de uma área que havia sido completamente devastada pelo fogo. Aqui, os voluntários da GE foram incentivados a fazer-se acompanhar pela família e todos juntos trabalharam em nome da mesma causa.



“Temos consciência que nem todas as empresas dão, aos seus funcionários, este tipo de condições”.

Claro na GE também existe competitividade. Mas “saudável”, faz notar Catarina. “Na GE as oportunidades surgem todos os dias, porque é uma empresa com um grau de inovação muito grande. Também é uma empresa onde a hierarquia funciona sobretudo na horizontal e os projectos de voluntariado são também prova disso, na medida em que envolvem quadros dos mais diversos níveis, desde o director-geral da empresa ao funcionário menos qualificado”.

A tudo isto não será alheio o facto de a GE estar entre as dez melhores empresas para se trabalhar no nosso país. Catarina Noronha acredita que a GE Volunteers, além de constituir fonte de motivação e orgulho para quem lá trabalha, ainda contribui para a boa imagem que a empresa passa para o exterior.

“O envolvimento neste tipo de projectos enriquece-nos. E estamos de tal forma envolvidos com a empresa que, na hora de pensar em mudar, se pensa duas vezes. Daí que o Volunteers também possa ser visto como mais um motivo de retenção de empregados”.

Os testemunhos pessoais ajudam a clarificar. O de Catarina Noronha, ela própria muito envolvida em projectos de voluntariado, não deixa margem para dúvidas.

“Tenho colaborado em diversos projectos e posso dizer que o grau de emoção com que me envolvo é enorme. São experiências enriquecedoras, a nível pessoal, e gratificantes, na medida em que sinto que o meu contributo é válido e importante. Sem dúvida, o voluntariado contribui para humanizar a empresa onde trabalhamos!”.

A General Electric (GE) foi criada em 1892 por Thomas Edison. Mais de cem anos depois, a GE actua em mais de 100 países e conta com a experiência de uma equipa de mais de 300.000 empregados.

É um dos maiores grupos empresariais do mundo, constituído por 11 unidades de negócio, presente nos principais sectores de actividade – energia, transportes, sistemas médicos, motores para aeronaves, produtos de consumo, plásticos, sistemas industriais e serviços financeiros.

A GE é a única companhia incluída no índice original do Dow Jones desde 1896.

Todos os negócios da GE estão ligados por sistemas operacionais, iniciativas e uma cultura comuns com fortes valores. Por causa destes sistemas, processos e valores partilhados, o todo da GE, diz-se, é maior do que a soma das partes.

“Tudo o que imaginamos podemos realizar” é a filosofia na GE. Imagination at Work é a expressão da marca e da visão da empresa.



3º vencedor do concurso de fotografia “Oeiras e o Planeta Terra”

Pedro Manuel Mouzinho vive no concelho, mais precisamente no Alto de Santa Catarina. Sempre que passa na baixa de Algés vê estes senhores a jogar à sueca. Sempre, ininterruptamente. Deles, já tirou inúmeras fotografias. Quando soube do concurso, bastou-lhe escolher uma das que achava melhor e concorreu. Ficou em 3º lugar.

Pedro Mouzinho tem, na fotografia, um hobby.

“ DÓI-NOS O ESPAÇO! ”

texto e fotos de Arq. Luis Maria Rodrigues Baptista

Somos o espaço onde fomos concebidos, nascemos, estamos a viver e provavelmente a morrer. Temos de aprender a sê-lo de modo crítico. Temos de nos comprometer com a alteração diária da intensidade daquilo que somos e sentimos, e com a qualificação e essencialização consciente do espaço que cada um habita.

O espaço arquitectónico, suporte globalizador de toda a nossa vida, dos gestos repetidos do quotidiano e dos acontecimentos importantes da história pessoal de cada um, está massificado por estratégias de consumo e de posse sem qualquer compensação de construção e de aprendizagem culta da vida. Aparece a cada instante, desprovido de memória, de conteúdos humanos e de cultura.

Temos de aprender a reconhecer as qualidades essenciais, reais e imaginárias do espaço que nos suporta os sonhos!

Talvez nunca tenhamos percebido o quanto é importante aprender a fazê-lo, a questionar a qualidade dos espaços que envolvem o nosso corpo, e o modo como podem estar influenciar e a condicionar o desenvolvimento da realidade humana do corpo de cada um.

Permanecemos no espaço, sem nos darmos conta das suas reais qualidades e sem nos questionarmos se houve alguém que as pensou antes de nós por causa de nós e da qualidade de vida dos nossos dias.

Não nos importamos com a qualidade arquitectónica do espaço que habitamos. Não queremos outras possibilidades de espaço, por desconhecimento e por julgarmos naturais aquelas em que vivemos. Não somos capazes de pôr em causa o nosso bom gosto, desenvolvido e validado sabe lá deus onde e em que condições, nem de abdicar de todos os títulos autodidactas de especialistas naturais do espaço com que nos intitulamos! Tornámo-nos seres humanos de má qualidade arquitectónica!

Olhemos com atenção o interior e o exterior do espaço que habitamos! Enfiemos a cabeça no tecto! Entremos na aparência (in) visível das coisas. Sonhemos! Não é esta a função primordial do espaço arquitectónico? Abrigar o devaneio!

Perceber o contexto real da nossa circunstância espacial, em cada momento da nossa vida, deve ser uma necessidade vital da nossa sobrevivência, só assim seremos capazes de desenvolver em nós o gosto culto do espaço. Disso depende toda a construção consciente de valores humanos, e toda

a rede de ligações afectivas e de pensamento que cada um for capaz de criar, enquanto permanecer vivo e com vontade de aprender regras fundamentais de cultura e de espaço. Basta pensarmos que todos os encontros reais e imaginários importantes na nossa vida, afectivos ou profissionais, estão associados a circunstâncias espaciais, a sítios e lugares específicos, para percebermos até que ponto é determinante aprendermos um pouco mais sobre a vida íntima do espaço que nos circunda.

Vivemos no espaço com a cabeça na lua. Já não na lua dos poetas distraídos e sonhadores ou dos amantes encantados pela vida, que permanecem e caminham pelo espaço com a intensidade dos sentidos acima da média, mas na lua dos indiferentes alienados, doentes por falta de dinheiro e de cultura, sem nos darmos conta da real importância, que a qualidade do espaço exerce nas histórias da nossa vida, e como ela seria diferente se nos tornássemos mais exigentes, sensíveis e informativos em relação aos espaços por onde passam os nossos dias e os nossos sonhos, desde o espaço da casa, ao espaço da casa dos amigos, ao espaço do prédio onde moramos, ao espaço onde trabalhamos ou ao espaço da rua que partilhamos.

Criemos novos níveis de atenção, novas estratégias de intensificação do olhar e da percepção! Aprendamos novas e velhas regras de espaço, novas formas de habitar, novas formas de amor no espaço! Pensemos bem! Criemos uma disciplina de educação do espaço. Passemos a olhar aquilo que não vemos. Deixemos o espaço aparecer! Não o espaço da aparência social, mas o espaço da aparência essencial!

O Bairro Clemente Vicente é um desses espaços do concelho de Oeiras, à espera de aparecer do ponto de vista da essência, que não deixa transparecer o portentoso segredo arquitectónico que encerra. Envolto num estado a-real de vida, paralelo à Marginal e à vida de quem por ele passa diariamente, fica situado no Dafundo, entre Algés e a Cruz Quebrada. Construído nos anos vinte, por um empresário arrojado ao tempo, que lhe deu o nome, que pode ainda ser lido no painel toponímico de azulejos, na parede da rua a nascente que lhe dá acesso, dentro de uma lógica de alojamento da população operária que então invadia e construía a cidade de Lisboa. Tem a particular característica de ser uma vila operária de escala urbana, construída em altura, à semelhança dos grandes falanstérios do século XIX, propostos pelos teóricos do socialismo utópico.

A grande envergadura à época, do Bairro Clemente Vicente, que servia de referência territorial aos barcos que entravam na barra do Tejo, contrastava com a escala dos pequenos palacetes e das casas de veraneio que floresciam por perto, desde a chegada do comboio e do eléctrico nos finais do séc. XIX. Os hábitos dos novos habitantes operários, não coincidiam com os hábitos antigos e boémios das classes burguesas e dos artistas que por aqui abundavam e usufruíam das afamadas casa de pasto onde se cantava o fado e das belas praias de Algés e do Dafundo, retratadas em fotografias e filmes da época. O aparecimento do bairro, as novas formas de vida a ele associadas, a facilidade de acesso público e a consequente instalação de algumas empresas, segundo relatos da altura, foram responsáveis pelo afugentamento e deslocação para poente da vida burguesa deste local, que foi procurar e fundar outros destinos, Caxias e Paço de Arcos, por exemplo, novas estâncias balneares.

O Bairro Clemente Vicente apresenta-se à primeira vista, a quem passa do lado da Av. Marginal, constituído por três blocos maciços repletos de janelas, em forma de U ligados nas extremidades do seguinte modo: UUU. Com 5 pisos e 80 fogos cada.

A sua singularidade do ponto vista arquitectónico vai para além da escala do edifício associada a um programa desta natureza, da tentativa de autonomia, desta grande unidade de habitação, através da introdução de pequenos espaços comerciais e de convívio virados para a Marginal e da criação de armazéns e oficinas de carácter colectivo nos espaços de cave com entradas pela Rua Pereira Palha.

A sua singularidade essencial resulta da estratégia conceptual de organização externa e interna do espaço através do agrupamento invisível e da divisão interior, sem perda da unidade exterior da estrutura do bairro, em 24 blocos de habitação colectiva de 10 fogos cada, e da criação de dois modos de entrada bem caracterizados e distintos. Um de carácter público reflectido nas 24 portas de entrada principal que circundam todo o bairro no limite das ruas que lhe dão acesso e no interior dos 2 pátios semi-públicos abertos ao rio, onde ainda apesar da presença dos carros, as crianças brincam e os vizinhos param para conversar e outro de carácter privado, reflectido nas 240 portas individuais de serviço, distribuídas em altura, através de uma complexa estrutura metálica de escadas e passadiços de acesso, que preenche aereamente todo o espaço livre entre as paredes onde está ancorada, dos três pátios privados com entrada pela rua Pereira Palha, paralela à Marginal, que deixa boquiaberto quem a descobre pela primeira vez. A sensação de vertigem, de espanto e medo é a sensação de quem se atreve a subi-la pela primeira vez.

É este o segredo!

O Bairro Vicente Clemente é um espaço de dupla aparência. Na realidade, a presença territorial de três blocos de habitação construídos e ligados em forma de U, vistos da marginal, é uma complexa linha quebrada de ângulos rectos habitada, que constrói intersticialmente 5 grandes pátios de entrada pública e privada. Dois de entrada principal abertos ao rio, do lado da Marginal e três de entrada de serviço, virados para a rua Pereira Palha ligeiramente elevados em relação a ela, preenchidos com o complexo sistema de acessos, já referido.

O som metálico dos passos de quem percorre esta estrutura, os gritos e as corridas das crianças, as conversas das vizinhas, o som da chuva, o modo como a luz é filtrada ao longo de todo ano em jogos de claro escuro são, no mínimo, o espanto piranesiano desta estrutura labiríntica e prisional, repleta de qualidades e pontos de vista cinematográficos e oníricos. Nela a vida repete-se diariamente, com pequenas variações inconscientes, à semelhança de toda aparência racional, austera, modesta, infinita e repetitiva que o bairro emana a quem se aproxima dele.

É um verdadeiro espaço-essência, pronto a ser descoberto e a reflectir, o olhar e o corpo, de quem sem medo se atrever nele.



Bairro Clemente Vicente

António Coutinho “O QUE APRENDEMOS COM A IDADE É O VALOR DA INCERTEZA”

entrevista de Carlos Vaz Marques
fotos de Carlos Santos

Quem ainda tiver ideia dos cientistas como seres em reclusão e à margem do mundo, fechados num laboratório escuro, de bata branca, silenciosos e solenes, deve abster-se de visitar as instalações do Instituto Gulbenkian de Ciência, em Oeiras, caso faça questão de não ver desfeita essa imagem com tanto de romântico como de falso. Também não lhe será aconselhável, nessas circunstâncias, qualquer tipo de encontro com António Coutinho, o director do Instituto e um dos cem cientistas mais citados, a nível mundial, em trabalhos científicos e revistas especializadas. Talvez deva mesmo começar por não ler esta entrevista. Coutinho é um entusiasta. O exacto oposto da descrição inicial. Aquele tipo de pessoa cuja determinação parece simultaneamente inabalável e cativante. Olha à volta, no gabinete onde tem fotografias de alguns dos mestres que mais o marcaram, e é como se nesse olhar abarcasse todo o trabalho que naquele preciso momento está a ser produzido por dezenas de jovens cientistas, neste edifício onde se cruza gente das mais diversas nacionalidades e onde a língua franca é o inglês. É óbvio, para quem o acompanha pelo laboratório, perante o prazer evidente com que vai explicando o que se passa ali, que António Coutinho se revê nestes jovens investigadores que, muito provavelmente, lhe farão lembrar o jovem que partiu de Portugal, ainda no tempo da ditadura, à procura de condições que, nessa altura, não existiam por cá. É nessa identificação do mestre com os discípulos, do investigador sénior com aqueles que estão agora a fazer o seu caminho, que reside uma parte do espírito desta instituição.

António Coutinho só voltou ao país quando sentiu que teria condições para criar um pólo de excelência ao nível daqueles que o fizeram emigrar e manter-se no estrangeiro durante décadas. Aos 59 anos, com uma carreira e uma reputação científica sem paralelo em Portugal, o director do IGC considera hoje que talvez ainda mais importante do que fazer ciência seja contribuir para o desenvolvimento do espírito científico na sociedade em que vivemos. É por isso que a instituição que dirige se abre, regularmente, ao olhar de quem vem de fora. Venham os visitantes do outro lado do mundo ou aqui de ao pé da porta. A única bagagem de que necessitam é a curiosidade. E, já agora, de uma boa dose de entusiasmo, que também faz sempre muita falta.

O seu entusiasmo científico, com o passar dos anos, tem vindo a aumentar ou a diminuir?

As duas coisas.

Em simultâneo?

A aumentar, certamente, no que diz respeito à ciência na sociedade. Quando se começa, o que nos entusiasma são os pequenos problemas - que podem ser grandes problemas, grandes descobertas que podem salvar muitas vidas - e isso continua a entusiasmar-me. Mas entusiasma-me certamente menos do que o resto que a ciência tem para oferecer à sociedade - ou seja, essencialmente, os valores profundos da ciência. Os valores da racionalidade, da dúvida, do debate contraditório de ideias, o sentido de progresso.

Mais epistemologia do que propriamente ciência concreta?

Não é bem epistemologia. É afirmar esses valores da ciência na sociedade moderna. Por todas as razões e mais algumas, que não vale a pena estarmos a retalhar.

Ou talvez valha. Se calhar, a primeira razão é o facto dessa cultura da dúvida não estar suficientemente instalada.

Está muito pouco instalada na nossa sociedade. E o valor da racionalidade. Não faz sentido que as pessoas vão à escola aprender a calcular derivadas ou qual é o modelo do átomo e depois vão para casa fazer promessas ao Santo António. Uma sociedade

que se quer livre tem que ser, antes de mais, uma sociedade bem formada. Só depois é que pode fazer juízos e assumir valores críticos sobre o conhecimento que tem. A dúvida é essencial na evolução de tudo, nomeadamente de uma sociedade mais livre.

Esse racionalismo, chamemos-lhe assim, está em crise?

Nunca esteve tão forte.

Não está em crise com a nova emergência dos fenómenos religiosos, por exemplo?

A emergência dos fenómenos religiosos esconde uma outra verdade: a de que a religião tem cada vez menos lugar na explicação do mundo. Na maior parte dos casos, por demissão da religião, ela própria. As religiões - mesmo as monoteístas que tinham explicações do mundo extraordinariamente precisas - deixaram de as invocar.

Por incompatíveis com os avanços científicos?

Exacto. O que tem vindo a acontecer, para além dos fundamentalismos extraordinariamente preocupantes, que correspondem a um recuo extremo da racionalidade e que são clássicos - nomeadamente nas sociedades onde predominam religiões monoteístas - é o aparecimento de uma série de seitas, mais ou menos religiosas, mais ou menos individualizadas. Mas no total representam muito pouco no que me parece ser uma evolução positiva, que é o recuo da religião na explicação do mundo.



Disse-me que, com a idade, o seu entusiasmo científico tem aumentado e diminuído simultaneamente: há idades mais ou menos propícias para fazer ciência?

Sem dúvida. Alguns dos meus amigos e colegas, cá em Portugal, ficaram ofendidos comigo porque, quando voltei, vinha para fazer outras coisas que não a ciência com as minhas mãos. Também porque me tinha habituado à ideia que com os anos a criatividade, o interesse, o entusiasmo, vão esmorecendo. Não que se deixe de ter a mesma estima e o mesmo amor. É como um velho matrimónio. As capacidades físicas e mentais também vão diminuindo. Não é por acaso que todos os medalhados Field - uma espécie de prémio Nobel da matemática - são habitualmente premiados por coisas que fazem entre os 20 e os 30 ou 35 anos. Os grandes Nobel da medicina e da fisiologia, mesmo na minha área, são quase todos distinguidos por coisas que fizeram antes dos 45. Temos que nos habituar a que vamos evoluindo com a idade. Ao mesmo tempo, vamos ganhando competência e interesse por fazer outras coisas.

O saber acumulado limita a disponibilidade para novas ideias?

Não. Os meus mestres sempre me ensinaram isto: o que aprendemos com a idade é o valor da incerteza. Não é questionar por questionar. Há um corpo de conhecimento adquirido de que estou pronto a duvidar mas com razoabilidade. A razoabilidade só se ganha com a idade.

Perguntava-lhe isto lembrando-me de críticas muito veementes de um cientista português a viver em Inglaterra,

o cosmólogo João Magueijo, que diz que em Portugal os cientistas deixam de fazer ciência muito cedo e passam rapidamente a tarefas administrativas. Concorda com este diagnóstico?

Não. Eu acho que até é uma coisa boa. Tenho-me esforçado por acalentar o aparecimento de jovens lideranças. Quanto mais jovens melhor. Não só eu, muita gente em Portugal e por essa Europa fora. Estamos convencidos de que a partir de uma certa idade a criatividade científica diminui e é melhor que nós, os mais velhos, nos retiremos da competitividade da bancada e usemos a nossa competência para permitir que os mais jovens - que são mais competentes e mais criativos e têm mais sangue na guelra - assumam as lideranças.

Essa renovação está a fazer-se?

Em Portugal está a fazer-se. Também por outra razão: havia uma grande lacuna em muitas áreas. As áreas de investigação não existiam ou estavam francamente envelhecidas.

Ainda continua actual aquela frase que disse aqui há uns anos numa entrevista: "Portugal não tem razão nenhuma para estar orgulhoso da sua ciência"?

Historicamente continua a ser verdade. Temos muito poucas razões para estarmos orgulhosos da ciência que produzimos até agora. Contribuímos pouco para o mundo em que estamos. Mas temos obrigação de estar orgulhosos com a tal renovação que se está a fazer. Houve um grande esforço de formação de jovens a partir dos anos oitenta, sobretudo da parte das entidades governamentais e em muitas instituições. Hoje em dia há muita gente muito boa que

voltou ao país, que está agora a tomar as rédeas das coisas e que promete muito.

Um problema que se mantém é o da percepção, ou melhor, da falta de percepção pública daquilo que os cientistas estão a fazer.

Isso é outro problema. Talvez um dos principais dos que nos ocupam a todos, actualmente. A ciência vive muito arredada da sociedade em Portugal.

Há falta de comunicação entre a ciência e o cidadão comum?

Antes de mais há falta de comunicação. Penso que por questões históricas que se prendem com a imagem dos catedráticos e com a distância que eles assumiam em relação ao público. Também com a atitude tradicional que existia na prática científica do século XIX e na primeira metade do século XX e que foi desaparecendo. Aqui manteve-se, de alguma maneira, apesar de haver outros sinais muito encorajadores: há jornais diários que têm páginas de ciência, há programas de ciência noutros meios de comunicação. Um dos sintomas mais bonitos são os 60 mil visitantes da exposição do Einstein, na Fundação Gulbenkian. Estamos no bom caminho mas ainda longe de ter a presença da ciência na sociedade que acho que ela merece.

Como é que se tornou cientista?

Houve várias razões...

Fez o curso de medicina: queria ser médico?

Ainda fui, durante dois ou três anos. Gostava muito de ser médico mas essa altura a prática da medicina desgostou-me muito. A prática mas o facto dos meus colegas médicos - estou convencido que já não é o caso - era muito motivada por razões económicas e por tricas entre eles. Isso desgostou-me bastante porque eu tinha tido uma formação que me levava a concluir umas coisas diferentes, que estávamos todos ali em cooperação para ajudar o próximo.

E não foi isso que encontrou.

Não era nada disso. Por outro lado as condições da prática de medicina hospitalar também não eram as ideais. Isso desanimou-me bastante.

A investigação foi uma espécie de porta de fuga a essa desilusão?

Por um lado uma porta de fuga, por outro lado era a única coisa que podia fazer quando resolvi sair do país para não fazer a guerra colonial. Comecei por ir para a Suécia, tinha que procurar outra maneira de usar a minha educação. Nunca esquecerei três das pessoas a quem tinha escrito se me aceitavam nos seus laboratórios, sendo médico mas não sabendo nada de investigação. Os três me disseram: sim, venha! Essa

generosidade continua, hoje, a ser praticada em ciência por muita gente; essa abertura a pessoas que estão motivadas mas que não sabem. Em ciência não temos aquela coisa de ter jeito, ao contrário da arte que é outra forma de representação do mundo. Eu nunca conseguiria fazer o que fizeram homens como o Picasso mas, como qualquer pessoa normal, consigo ser educado para fazer boa ciência.

É mais trabalho do que inspiração?

É muito mais trabalho do que inspiração.

Teria conseguido fazer a carreira que fez se tivesse ficado em Portugal?

Provavelmente não. Sobretudo numa área que era relativamente recente na altura em que comecei, no princípio dos anos 70. Teria sido impossível que os trabalhos que fiz tivessem o impacto que tiveram.

O que é que encontrou na Suécia e depois na Suíça e em França que não tinha cá?

Sobretudo muito bons mestres. Isto é tudo uma grande família, as pessoas conhecem-se umas às outras. O meu primeiro mentor tinha duas listas de nomes - naquela altura não havia computadores nem internet - uma com as pessoas que eu tinha obrigação de ler e numa outra lista, enorme, estavam os nomes das pessoas de quem não valia a pena ler nada do que publicassem. É este tipo de mestres que nos faz falta para nos orientar o espírito e para nos indicar quais são as questões verdadeiramente importantes.

Esse convívio científico é substituível, hoje, pela internet e por esta facilidade de comunicações que não havia na altura?

Não totalmente. A internet ajuda na procura de informação, não ajuda à capacidade criativa.

A ciência precisa da interação humana de todos os dias? Faz-se sobretudo assim. Ao contrário dos clichés clássicos do cientista que está a meditar...

Fechado no seu laboratório.

Isso é totalmente errado e ultrapassado. Talvez tenha sido assim. O cientista que respeitamos como o primeiro de todos, o Tales de Mileto, fez uma escola. O primeiro dos seus melhores alunos foi o primeiro a discordar dele, das hipóteses dele para a explicação do mundo. Se for ver a correspondência entre os cientistas da Renascença, vê que eles tinham um contacto extraordinariamente intenso e frequente. Viajavam, apesar das dificuldades. O conhecimento vai emergindo das interações entre as pessoas.

Sendo essa interação o que foi lá fora o que é que o fez voltar para Portugal em 1998?

A convicção de que depois de ter tido uma vida toda em que só me preocupei com aquilo que tinha

vontade de fazer... A ciência é altruísta no sentido em que é útil e é a raiz da sociedade moderna mas a prática da ciência é muitas vezes egoísta, a vida de um cientista quase sempre é determinada pela sua própria curiosidade.

Concentrou portanto a sua atenção à volta de um único problema.

À volta de um certo tipo de problemas. A certa altura, achei que já tinha tido muitas compensações para esse tipo de investimento pessoal e que estava na altura de me preocupar exclusivamente com as condições para outros fazerem a mesma coisa.

Veio porque a Fundação Gulbenkian lhe fez o convite para dirigir este instituto?

A minha interacção começou mais cedo, quando lançámos o programa Gulbenkian de doutoramento em biologia e medicina, em 93. Foi o primeiro destes programas doutorais do país. Havia uma centena de jovens formados que tinham saído e que era preciso atrair de volta ao país.

Hesitou em voltar?

Hesitei porque só se pode criar um ambiente científico como deve ser - como penso que entretanto se criou no IGC - se houver condições para o fazer. Se houver alguma estabilidade da instituição e um apoio aberto e franco das autoridades, neste caso do conselho de administração da Gulbenkian. Se não, não vale a pena estarmos aqui a fazer de conta. Esse apoio existiu e existe. A maior motivação foi efectivamente facilitar que essas novas lideranças aparecessem. A missão que a Fundação queria para esta nova fase do instituto era que ele fosse uma incubadora de lideranças e é o que temos tentado fazer.

É assim que define o Instituto: como uma incubadora de lideranças?

Acho que sim. Nós identificamos as pessoas que nos parecem mais competentes, formamo-las o melhor que podemos por esse mundo fora. Tentamos atraí-las de volta e damos-lhes cinco anos de total autonomia aqui. Não só autonomia científica - aos que querem assumir a responsabilidade de chefes de grupo - mas também autonomia de gestão e financeira. Eles têm de ser uma espécie de micro-empresários porque têm de procurar o seu próprio salário, o dinheiro para as experiências, o dinheiro para as bolsas dos colaboradores. Ao fim de cinco anos pomo-los na rua.

Só se faz ciência aplicada, aqui?

Acho que a ciência não se separa em aplicada e não aplicada. Separa-se em boa e má. A boa é sempre aplicável.

Mas há aquela que não se sabe, mesmo sendo boa, onde será aplicada quando estiver concluído o processo de investigação.

Só se for muito má. Quando Watson e Crick fizeram o modelo da estrutura do ADN, imediatamente toda a gente imaginou que aquilo teria aplicações fundamentais no futuro, não de imediato. Cinquenta anos mais tarde a gente sabe que a medicina e a biologia seriam totalmente diferentes se não tivesse havido essa invenção.

O que veio encontrar correspondia à imagem que tinha do desenvolvimento científico em Portugal ou teve surpresas?

Eu conhecia bastante bem o que se estava a fazer em Portugal desde a segunda metade dos anos oitenta, quando o professor Mariano Gago foi para a JNICT, e o desenvolvimento que foi provocado nessa altura, sobretudo a nível da formação das pessoas. Tinha muito bons amigos cá em Portugal com quem tinha bastantes interacções. Portanto acompanhava mais ou menos de perto o que se passava no país.

Como é que o Instituto se relaciona com o que o rodeia: há algum relacionamento com as escolas, com as empresas ou é um espaço fechado ao exterior?

Tentamos, desde 98, ser muito abertos. Primeiro começámos a organizar coisas mais mediadas, ou seja, a organizar ciclos de conversas e discussões com gente dos media. Depois achámos que já tínhamos peso suficiente para tentar fazer coisas directamente com as pessoas que vivem aqui à volta, os cidadãos do concelho de Oeiras, e finalmente chegámos às escolas. Hoje em dia temos uma rede e um programa de actividades bastante intenso.

O que é que se ganha nessa interacção?

Ganha-se imenso...

Quem cá vem ganha, naturalmente, pelo facto de conhecer este espaço e aquilo que se faz aqui - mas o que é que ganha quem cá está?

As pessoas cá da casa ganham, antes de mais, uma grande coesão institucional. Ou seja, estamos a fazer todos juntos uma coisa que é muito objectiva, que se pode quantificar, de que temos a reacção directa das pessoas que cá vêm. O resto do projecto que aqui se faz, o projecto de fazer boa ciência não é aferido quotidianamente. Temos a noção de onde estamos no cômputo da ciência mundial mas isso não é algo que seja aferido permanentemente. Quando abrimos as portas do instituto estamos todos a fazer uma coisa em conjunto, naquele dia, e temos a aferição da qualidade do que estamos a fazer "on time".



Carlos Vaz Marques
com António Coutinho

Têm de se explicar perante quem vem de fora.

Tem de se explicar tudo e mais alguma coisa. A primeira coisa que se ganha é a convicção de que é algo de muito emocional e muito positivo ouvir as pessoas dizerem: fantástico, não sabíamos o que estavam a fazer aqui, agora já sabemos; que bom, vamos dizer aos primos para virem cá para a próxima... Essas coisas.

Perguntei-lhe isto lembrando-me de o ouvir dizer que lamenta que o Instituto, que é conhecido em muitos lugares por essa Europa fora, seja ainda bastante desconhecido aqui na comunidade em que está instalado, em Oeiras.

É verdade mas acho que já é menos assim. Foi das coisas que me emocionou desde que estou aqui: ver pessoas, chefes de família, de terceira idade ou mais jovens, aqui às nove da noite a discutir o que nós estamos a fazer sem irem para casa. É uma coisa extraordinária.

Estão a tentar combater aquela velha máxima de que santos da casa não fazem milagres?

É verdade... Bem, os santos nunca fazem milagres!

Fala o seu lado racionalista.

Não, não... É que já tive muitas promessas falhadas.

Se tivesse uma varinha de condão ou pudesse fazer um milagre, que milagre escolheria fazer?

Acima de tudo que o sistema educativo português melhorasse muito significativamente.

Qual é o principal entrave com que a ciência se depara em Portugal?

O principal entrave é, ao mesmo tempo, uma grande motivação para todos nós que fazemos ciência. É a irracionalidade reinante na sociedade portuguesa. Como diz o Martin Rees, é sempre preocupante uma sociedade em que há mais astrólogos do que astrónomos.

AS GEMINAÇÕES, PARA ALÉM DE UMA SIMPLES TROCA

texto de Carla Rocha

A figura das geminações fomentada a partir da II Guerra Mundial, constituiu um instrumento para o estabelecimento da paz e a criação de laços entre as comunidades dos diferentes países. Hoje assume claramente um papel de cooperação descentralizada e prosseguindo objectivos de solidariedade e empenhamento nos grandes propósitos da U. E. e das Nações Unidas cujas prioridades são hoje o combate à doença, protecção do ambiente e o abastecimento de água e saneamento.

Os princípios base das geminações são recuperados em Portugal após o 25 de Abril de 1974. Na década de 80 foram sendo desenvolvidos entre autoridades locais, processos de aproximação e de troca de experiências, que evoluíram no sentido de uma real e mútua cooperação dirigida para o apoio e ajuda ao desenvolvimento local.

Apesar de encontrar parceiros na Europa e no continente americano, nomeadamente em regiões com uma comunidade portuguesa representativa, é nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, que os municípios portugueses desenvolvem as suas principais parcerias, circunstância esta que não é alheia a Oeiras.

Este facto deriva, não só da proximidade linguística, mas também dum passado cultural e histórico em comum, que leva ao empenho de toda a comunidade portuguesa no sentido de participar no desenvolvimento destes países.

Assim, a geminação também surge em Oeiras como um instrumento de aproximação entre os municípios parceiros, mas com o objectivo final de integrar as comunidades emigrantes sobretudo africanas e ao mesmo tempo participar no desenvolvimento local dos Países Africanos. É neste contexto que se insere a política de cooperação levada a cabo pelo Município de Oeiras.

Oeiras acredita que, através delas, aprende muito com outros municípios em estado de desenvolvimento mais adiantado, mas não esquece que apoiando outros municípios com desenvolvimento inferior, não só contribui para o seu crescimento, como ainda pode aprender mais. Há muito que a autarquia se empenha em compreender as comunidades existentes no seu território limítrofe e entendendo essas comunidades, o processo de integração sai facilitado. Na procura dos seus parceiros, a autarquia de Oeiras tem como principais preocupações, no quadro Europeu ou dos países do norte, ir ao encontro das comunidades de origem portuguesa radicadas no estrangeiro. Já com os países do sul, é considerada a existência de comunidades residentes no concelho com origem em países Africanos de expressão portuguesa. São, na maior parte dos casos, estas co-



Bairros Sociais em S. Vicente que tiveram o apoio da Câmara Municipal de Oeiras



S. Vicente - Cabo Verde

Polidesportivo em S. Vicente teve apoio da Câmara Municipal de Oeiras

munidades os motores da aproximação entre Oeiras, seu local de residência, e as suas terras de origem (onde, na maior parte das vezes, ainda se encontram alguns familiares). Assim, encontram-se afinidades que possibilitam o encontro entre autoridades locais, tornando possível o debate e o estudo de viabilidade do estabelecimento de vínculos que possam levar ao desenvolvimento de projectos e metas comuns. Sempre que se torna possível estabelecer este vínculo, são concretizados protocolos de cooperação, adaptando-se e desenvolvendo-se em conformidade com os contextos históricos, culturais e económicos dos parceiros, e enquadrados no âmbito das políticas sociais e culturais das autarquias envolvidas. O município de Oeiras encontrou na figura das geminações, nomeadamente com os Países Africanos, um instrumento de troca e de aprendizagem. Assim sendo é natural que, numa primeira fase, a contribuição para a manutenção do processo seja mais significativa por parte do município mais desenvolvido e estruturado.



Nesta primeira abordagem ao nosso contacto com o exterior, optamos por falar da geminação mais antiga que Oeiras realizou. Foi em Junho de 1988, com o Município de S. Vicente em Cabo Verde. Ao longo destes 18 anos, nossos laços estreitaram e hoje a relação está mais coesa, forte e a troca de experiências tem sido fundamental. Sendo que Oeiras aprende com S. Vicente os costumes, a forma, o jeito único de vida, fazendo com que, dessa forma compreenda a comunidade Cabo Verdiana residente no Concelho; por outro lado, Oeiras delineou áreas de intervenção primordiais para a sua colaboração com S. Vicente. Áreas estas que encontram maior visibilidade na Saúde, Educação, Desporto, Infra-estruturas e Habitação, entre outros.

Desta geminação aprendemos que se nós temos uma palavra que é só nossa, como a Saudade, de Cabo verde aprendemos a dizer MORABEZA, que significa hospitalidade, boa disposição, ou seja, uma forma de ser de todo um povo que acolhemos de braços abertos.

Polidesportivo do Calhau teve apoio da Câmara Municipal de Oeiras
Equipamento Hospitalar da Sala Oeiras, do Hospital Dr. Bapti Mindelo à noite

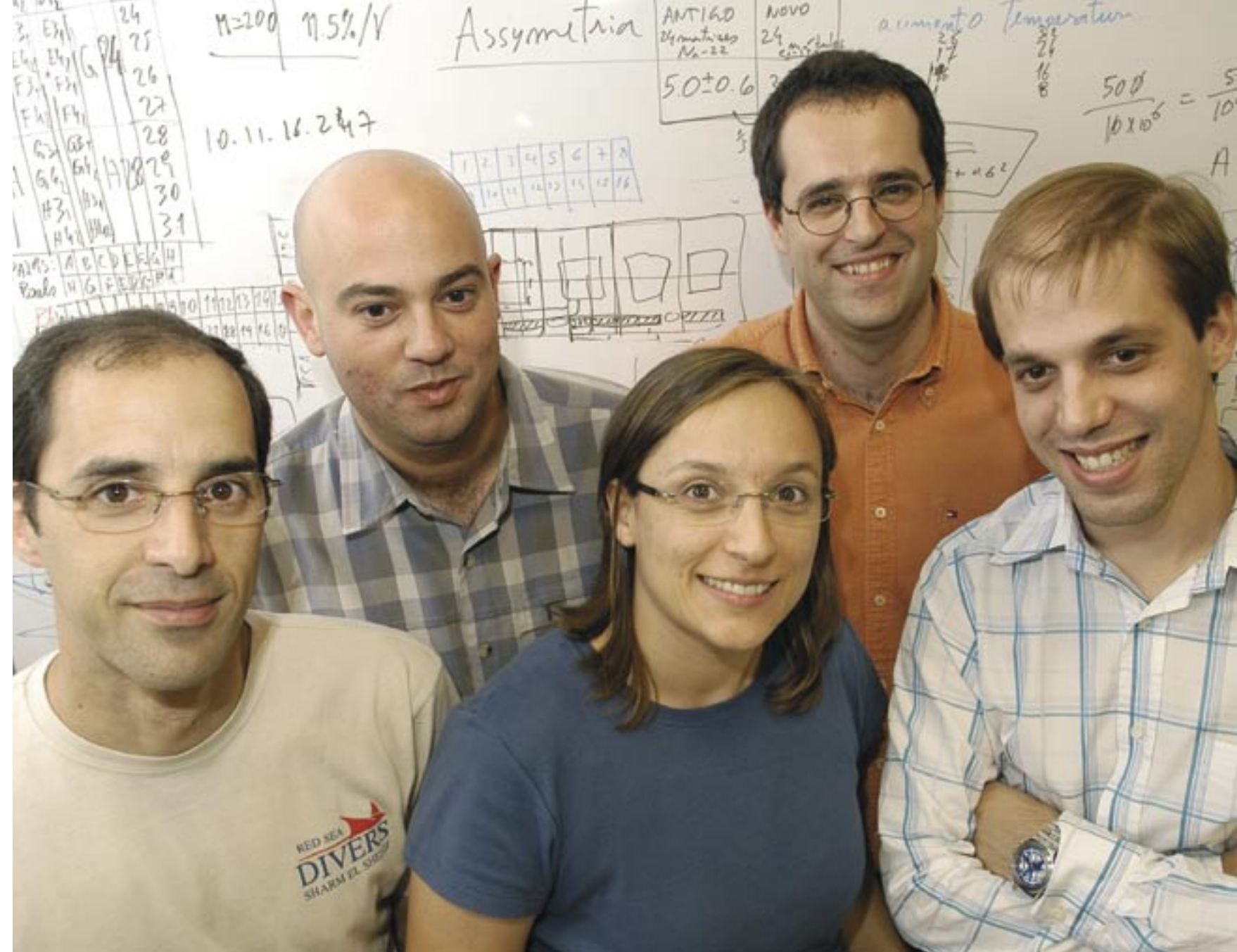


O combate ao cancro da mama cada vez mais eficiente

texto de **Carla Rocha**
fotos de **Carlos Santos**

No TagusPark, algures no meio de um edifício de tecnologia, existe uma sala que possui uma folha discreta na porta que informa estarmos perante o Laboratório de Instrumentação e Partículas (LIP). Quando se abriu, imaginava encontrar máquinas e mais máquinas. Um manancial de computadores, homens e mulheres em perfeita ebulição de tanta azafama, cabelo espetado, óculos profundos. Nada disso se passou. Ali, onde um grupo de seis pessoas tentam fazer um meio de diagnóstico do cancro da mama com uma maior eficiência do que a tradicional mamografia, tudo se passa de uma forma calma e perfeitamente pormenorizada. A concentração é a palavra de ordem. E para além da devoção que este grupo de jovens dedica à investigação, também há lugar para a paixão pelo futebol, numa altura em que vivemos o Mundial. A bandeira de Portugal dá as boas-vindas ao espaço e o armário não se safou de ter o plantel (quase todo, porque os cromos nunca saem os que queremos) português colado.

Pedro Amaral acompanhou-nos neste mergulho ao mundo da tecnologia em prol do combate ao cancro.



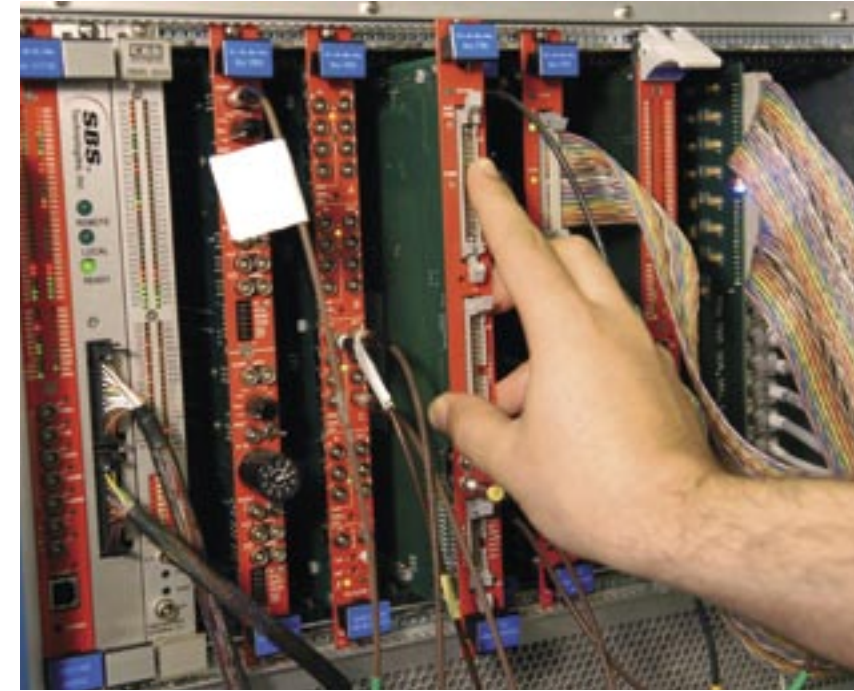
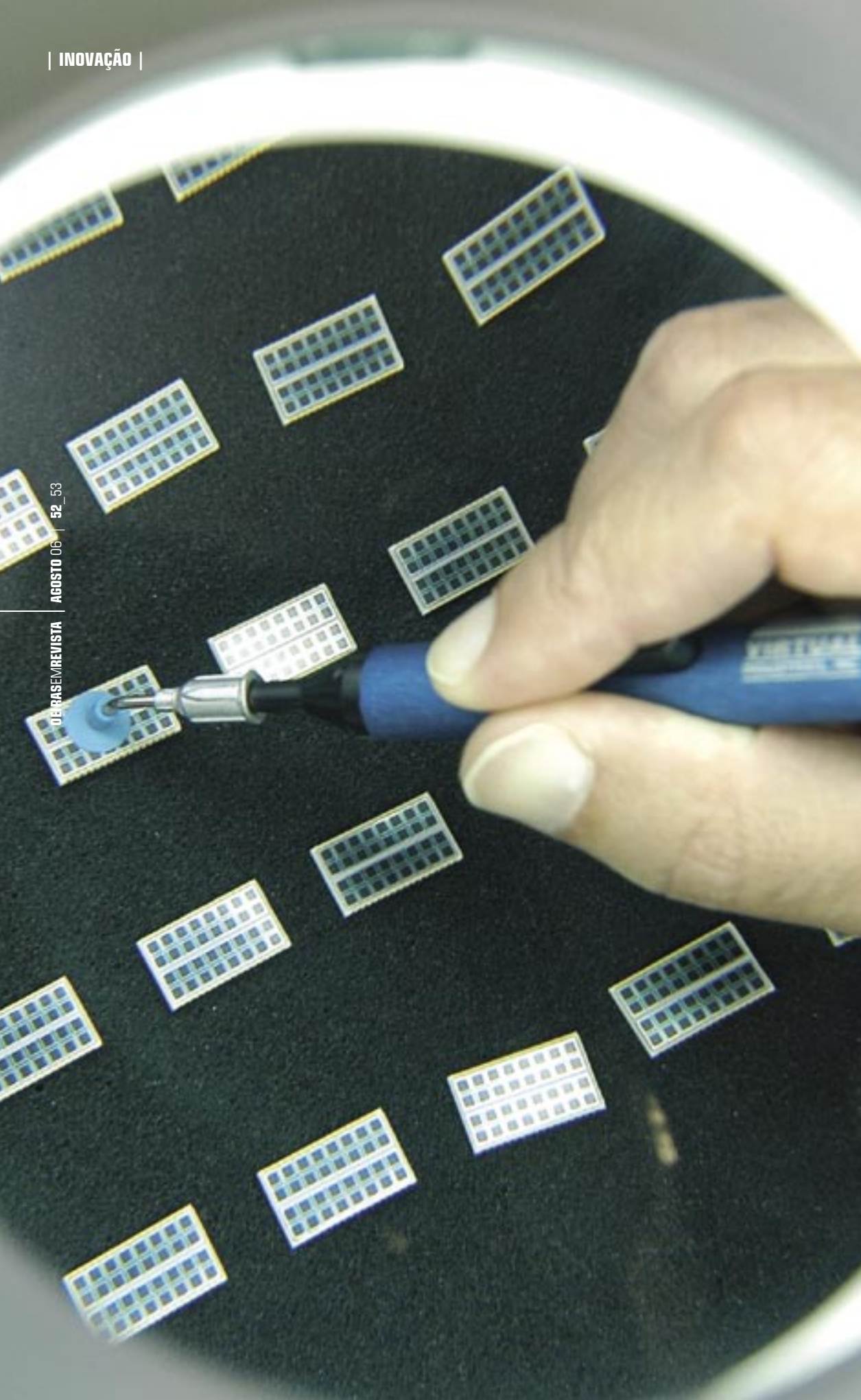
ClearPEM é, principalmente, um projecto português em colaboração com Crystal Clear Collaboration baseada no CERN, em Genebra. O consórcio Clear-PEM é composto por varias instituições portuguesas, nomeadamente: LIP, Taguspark (Parque de Ciência e Tecnologia), Hospital Garcia da Horta, serviço de Medicina Nuclear, IBEB (instituto de Biofísica e Engenharia Biomédica), IBILI (Instituto Biomédico de Investigação da Luz e Imagem), INESC e INOV (Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores) e INEGI (Instituto de Engenharia Mecânica e Gestão Industrial) e é financiado pela ADI (Agência de Inovação).

O ClearPEM será um detector dedicado ao diagnóstico do cancro da mama. Basicamente, este Clear-

PEM é um detector PET (Positron Emitting Tomography) que, embora já esteja a ser usado para outros cancros ainda não há, e que é a finalidade deste projecto, um sistema dedicado, essencialmente, ao cancro da mama.

Um dos problemas essenciais com a mamografia é que dá muitos resultados positivos, depois, só com uma biopsia é que se sabe se realmente se trata de um tumor ou mero caroço sem maleita de maior. Nos Estados Unidos, por exemplo, gasta-se um bilião de dólares, por ano, em biopsias desnecessárias. Uma biopsia, para além da dor física e psicológica que causa na paciente, é um gasto avultado que se reflecte na economia. Por outro lado, a mamografia também possui o problema inverso, ou seja, pode

perfeitamente não detectar um tumor que, no entanto, já exista. A ideia deste grupo é a construção de um protótipo que sendo usado no rastreio do cancro da mama, não só consiga diagnosticar os tumores num tamanho que a mamografia não detecta, bem como ser mais fiável aquando da detecção dos mesmos, sabendo se é necessário, ou não, realizar-se uma biopsia. Como funciona este protótipo? Começa-se por injectar na paciente um marcador radioactivo que se vai fixar nas células cancerosas. Como estas células estão a multiplicar-se desordenadamente e consomem muita energia e como o que se injecta é glucose, ou seja, o combustível das mesmas, consegue-se ver, através do consumo das mesmas, os tumores: «Enquanto a mamografia é, basicamente, um



RX, e no fundo o que se vê é se há uma mancha mais densa ou menos densa, que é o que chamamos uma imagem anatómica, com o PET obtém-se uma imagem funcional, que nos indica as células que estão a consumir mais energia», afirma Pedro Amaral. Esta tecnologia já existe como estudo de corpo inteiro, o que se torna num exame muito caro. Sendo dedicado ao problema específico do cancro da mama,

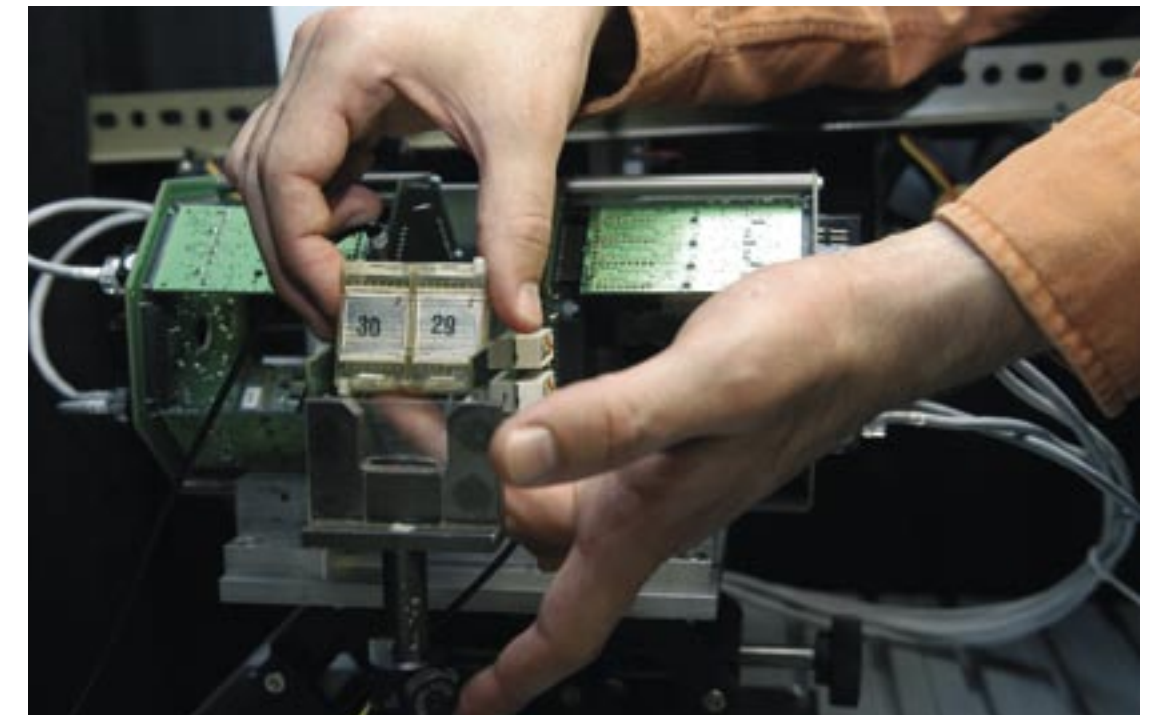
pode-se conseguir mais e melhor, gastando menos: «Estamos a utilizar os melhores cristais, os fotodetectores e toda a parte electrónica de excelência. Queremos ter o melhor PET do mercado», afirma Pedro enquanto nos vai explicando, peça por peça, a funcionalidade desta tecnologia.

E quanto aos efeitos secundários? Pedro atesta peremptoriamente: «há a radiação que é introduzida no corpo, e nesse aspecto poderá ser tido como um efeito secundário, mas não tem mais radiação do que um RX normal».

Este projecto já vai numa fase avançada. Até ao final do ano prevêem ter a máquina pronta e depois começa-se a fazer testes clínicos no hospital Garcia da Horta. Para esses testes já estão a ser seleccionadas pacientes. Como é que se vão proceder os testes, é o que o Pedro explica: «Vão-se fazer testes à mesma paciente com mamografia, PET e biopsia. É necessária a biopsia de forma a se conseguir obter a eficácia». Depois? É só esperarmos que o PET funcione na perfeição para que seja requisitado pelo maior número de hospitais de forma a ser utilizado, acima de tudo, em mamas densas ou pessoas com um histórico clínico de cancro.

A uns meses da experimentação, Pedro não denota nervosismo, talvez por saber que este projecto tem tudo para dar certo.

A bem de todas/os os que podem vir a padecer de um cancro da mama.





Centro de Dia “Oeiras S. Julião”

O Centro de Dia do Bairro Bento Jesus Caraça abriu oficialmente as portas no dia 1 de Junho. Desde então a população oeirense tem ao seu dispor mais espaço de apoio às famílias, à comunidade e à camada menos jovem.

A promoção do bem-estar físico, mental e social dos utentes, em colaboração com as famílias e com a própria comunidade, e do intercâmbio de gerações, são alguns dos objectivos da criação deste centro. Fomentar a convivência através do desenvolvimento de actividades de lazer e ocupacionais são alguns pontos importantes de combate à solidão.



Estoril Open 2006

Pelo 17º ano consecutivo, o complexo desportivo do Jamor recebeu um dos maiores eventos desportivos realizado, anualmente, em Portugal. O Estoril Open, é uma iniciativa da João Lagos Sport, conta com o apoio da Autarquia e é uma referência desportiva a nível internacional.

Como é habitual, participam nesta iniciativa os maiores tenistas do ranking mundial que atraí milhares de visitantes e amantes do ténis ao Jamor. Este ano, a final foi



Galeria Verney celebra o seu 11º aniversário

No passado dia 20 de Maio, a Livraria-Galeria Municipal Verney celebrou onze anos de existência com uma visita ao Parque dos Poetas guiada pelo escultor Francisco Simões, autor de 20 esculturas de homenagem a 20 poetas do século XX.

Recorde-se que a Livraria-Galeria Verney iniciou a sua actividade no dia 20 de Maio de 1995, com uma exposição de obras de arte e literatura de Francisco Simões e David-Mourão Ferreira. Ao longo destes anos, a Verney alargou e marcou a sua actividade dentro da sua área



“Mar e Segurança”

Sensibilizar os jovens para questões ambientais, para a segurança das praias e dos banhistas, eis o objectivo desta acção organizada em parceria pela Câmara Municipal de Oeiras, pela Polícia de Segurança Pública, pela Guarda Nacional Republicana, pelo Instituto de Socorros a Náufragos e pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

Para esta iniciativa, a praia da Torre recebeu durante a manhã do dia 12 de Maio cerca de 500 jovens, alunos dos 7º, 8º e 9º anos do concelho de Oeiras. Estes alunos tiveram oportunidade de participar na

Para tal, o Centro conta com uma zona exterior de convívio, gabinete de enfermagem, cozinha para a confecção de refeições, lavandaria, salas de estar e de actividades.

Essas actividades incluem animação sócio-educativa, cultural e recreativa, formação em novas tecnologias, educação para a saúde e consumo, entre outras.

Esta Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) está vocacionada para actividades de apoio à comunidade, à família e de protecção aos cidadãos na velhice.

memorável, disputou-se com dois jogadores do Top 6 mundial, nomeadamente o argentino David Nalbandian e o russo Nikolay Davydenko. O facto da final ter sido disputada por dois dos favoritos, empolgou o público presente nas bancadas que vibrava a cada ponto. Nalbandian saiu vencedor (parciais de 6-3 e 6-4), pela segunda vez no Jamor e com esta vitória registou o quinto título da sua carreira tornando-se o terceiro bicampeão do torneio português.

de intervenção em prol do reconhecimento da arte. A comemoração deste aniversário, ficou assinalada com a apresentação de um CD-Rom que contém várias actividades desenvolvidas pela Verney, ao longo destes 10 anos. Disponíveis neste CD, estão cerca de 80 acções de divulgação das artes devidamente documentadas, mais de 300 fotografias, centenas de nomes de colaboradores, 70 catálogos editados a propósito da exposição.

limpeza do areal e na respectiva separação dos resíduos, bem como receber instruções para uma correcta utilização das praias e especialmente do mar. As entidades presentes tiveram oportunidade de fazer demonstrações dentro da sua área de intervenção e foi com entusiasmo que os jovens viajaram nas lanchas da Polícia Marítima e da GNR e aprenderam algumas noções da arte de marear. Empolgante foi uma fiscalização aos alunos realizada pelo SEF e a simulação de apreensão de material contrafeito ou traficado.

Festival Sete Sóis Sete Luas

No passado mês de Julho teve lugar o Festival Sete Sóis Sete Luas no pátio do Enxugo, na Fábrica da Pólvora de Barcarena.

Apoiado pela União Europeia dado a sua dimensão e qualidade cultural, este festival alcançou, em 2006, a sua XIV edição.

Promovido por uma rede cultural de trinta cidades de oito países, nomeadamente Cabo Verde, Espanha, Grécia, Israel, Itália, Marrocos e Portugal, apresentaram durante o mês de Julho, em dias diferenciados, quatro

Ciência com cores e sabores

Ciência com cores e sabores foi o que aconteceu no passado dia 28 de Janeiro altura em que o Instituto de Tecnologia Química e Biológica (ITQB) abriu as suas portas para acolher quase duas mil pessoas, no âmbito de mais uma edição do “Dia Aberto” integrada no Projecto Oeiras Vive a Ciência/2006. Adultos e crianças envolveram-se nesta feira de ciência repleta de actividades e experiências que pautaram este dia.

Os mais novos no papel de cientistas e, devidamente equipados, puderam extrair o DNA da banana, ver como o PH faz mudar a couve roxa e verifi-

Café com letras

O projecto Café com Letras, é uma iniciativa da Biblioteca Municipal de Oeiras que conta com o patrocínio da estação de rádio TSF e tem como objectivo principal a criação de um espaço informal de encontro dos leitores das nossas bibliotecas com autores contemporâneos. Dirigido principalmente ao público adulto e juvenil com hábitos de leitura já constituídos, o “Café com Letras” tem-se revelado um êxito.

Com uma periodicidade mensal, as oito sessões previstas para 2006 realizam-se alternadamente nas três Bibliotecas Municipais (Algés, Carnaxide e Oeiras). Em cada mês são realizadas três acções complementares: Mostra Bi-

Cool Jazz Fest

A 3ª edição do Cool Jazz Fest já passou, e é uma pena porque a vontade é a de, certamente, rever cada pedaço da actuação de Kanye West e de Diana Krall. Sob o mote “alta mistura”, começou, da melhor forma, o cool Jazz edição de 2006, com a estreia de Kanye West, no passado dia 17 de Julho e Diana Krall no dia 18 de Julho.

Com lotação esgotada em ambos os espectáculos, Kanye West conquistou, por completo o público jovem que acorreu a ouvi-lo. O músico americano conquistou a crítica, os prémios, os tops e agora marcou

concertos com entrada livre. Começou com o Argelino Akim El Sikameya, no dia 7, a caboverdiana Mariana Ramos actuou no dia 14, o colectivo Erasmo, Mimmo & Txalaparta deram o ar da sua graça no dia 21 e as musicas ciganas da Europa do Sul com os Acquaragia Drom encerraram o espectáculo no dia 28. Foram quatro ocasiões para experimentar outras músicas, repletas de grandes momentos de diversão e onde se cruzam tradições e modernidade. Uma mistura musical a não perder para o ano.



car que os líquidos não são todos iguais. A pensar neles, foram concebidas especialmente para este dia a “Zona Escura” e o “Cantinho das Experiências” espaços que lhes permitiram ser cientistas por um dia.

Para esclarecer dúvidas e responder a todas as perguntas estiveram presentes mais de 200 investigadores do ITQB.

O ITQB e toda a sua equipa pretendeu, desta forma, levar a investigação científica até junto da população e mostrar como na realidade ela pode ser surpreendente, inspiradora e divertida.



bliográfica, Mural da história, Encontro com o autor.

O Encontro com o Autor que decorre normalmente no final de cada mês, prende-se com uma conversa com o autor sobre a sua última obra ou sobre temáticas transversais ao conjunto da sua obra. Esta conversa é conduzida por um moderador, que até ao final do ano está a cargo de Carlos Vaz Marques, jornalista da TSF.

Recorde-se, que já participaram neste projecto diversos autores, nomeadamente, Gonçalo M. Tavares, Carlos Tê, Rodrigo Guedes Carvalho, José Saramago e no mês de Junho a Biblioteca Municipal de Algés recebeu Inês Pedrosa.



quem o ouviu no jardim do Palácio do Marquês de Pombal.

Diana Krall chegou seguríssima e encantou toda a plateia que se juntou para a ouvir. Nascida no Canadá, começou a estudar música aos quatro anos tornando-se numa excelente pianista, para além da voz melodiosa e peculiar que a demarca de ademais cantoras de jazz. Com um público fiel, Diana cantou inúmeras músicas, entre as quais alguns temas compostos em parceria com o seu marido Elvis Costello. Concertos para sempre recordar.



JARDIM DO CHÁ

texto de Carla Rocha

Era uma vez duas famílias, os Almeida e os Calado, que unidas pelos seus filhos, encetaram uma amizade de longos anos. Um dia, pelo tempo desmedido que uma parte da família possuía devido à reforma, e o desemprego do lado de outra família, decidiram realizar o sonho de abrir um salão de chá. Embora sem experiência na área da restauração, açambarcaram o desafio e hoje é um espaço que já se implementou no meio.

Magda Calado fala do percurso do salão de chá. Das expectativas, dos sonhos, deste “viver o dia-a-dia” numa área que, não tendo formação de base, tem a paixão suficiente para fazer andar este espaço para uma meta de sucesso.

O conceito não é só e unicamente o chá, embora ele seja o rei e senhor. Neste espaço tentou-se aliar a restauração à decoração. Os objectos de decoração que existem espalhados pelo salão, embora estejam no espaço para que foram concebidos, todos eles estão à venda. A fada nas flores, os sapos, as velas, os castiçais, os candeeiros, até à peça mais escondida, tudo se encontra à venda. Dois moveis feitos à mão vai para 90 anos, são as montras de alguns destes objectos, com chamadas de atenção para os dias específicos como por exemplo o Dia da Mãe.

O espaço subdivide-se em quatro ambientes distintos oferecendo aos clientes aquele que melhor se adapta à sua personalidade e gosto. Um é mais clássico que rivaliza com um outro que é neutro. Também há um ambiente que sugere lazer e o quarto é a zona de trabalho que, não obstante da sua natureza, não quiseram que fosse um espaço frio e distante dos clientes. Esta zona funciona em perfeita harmonia com o restante espaço. É sobre esta área que uma pintura de Inês Tozet tem vida. Para Magda Calado, esta foi a zona mais complicada de criar, visto que o inox, obrigatório segundo as normas de higiene, é frio e difícil associar a algo mais intimista. As normas foram seguidas à risca. Com 34 lugares sentados, cada cadeira possui 50cm (o obrigatório por lei) em seu redor. Assim, há conforto e, à volta dos clientes, existe espaço livre e respira-se harmonia.

Inaugurado no passado dia 10 de Fevereiro, o sucesso alcançado suplantam as expectativas iniciais. Com serviço de refeições ligeiras ao almoço, muitas são as ofertas de pastelaria, de batidos, néctares, tudo feito na casa, mas em destaque está o chá. Com uma lista elaborada por Eduardo Cachola, que para além de ser o fornecedor, também deu formação para que soubessem as normas, os segredos, a forma de se fazer um bom chá. Para os entendidos, sabe-se que não basta deitar água.

Para este Verão, as novidades serão os chás gelados que necessitam de uma infusão diferente, uma esplanada e uma variedade de saladas.

Ali, bem discreta, em Santo Amaro de Oeiras, este é um lugar onde não pode deixar de ir. Se não for para um chá, que seja para adquirir uma peça para a decoração de sua casa.

Ideias não faltam, mas se tiver dúvidas, não hesite em falar com os donos que atendem todos os clientes com preceito e simpatia.

Horário:

De segunda a sexta, das 7:30 às 20:00

Sábados e domingos das 9:00 às 22:00

Rua Vera Cruz, nº2 - Tel.: 214 411 250





Cesário Verde pintado por José Viana.
Quadro pertencente ao espólio da CMO

Cesário Verde

texto de **Carla Rocha**

A 25 de Fevereiro de 1855, nasce José Joaquim Cesário Verde, filho de José Anastácio Verde e de Maria da Piedade dos Santos Verde. O pai era um abastado comerciante de ferragens e de outras mercancias. Quando Cesário Verde tinha dois anos, o pai comprou uma quinta em Linda-a-Pastora, para que, assim no “campo” pudessem fugir à Febre-amarela que assolava Lisboa. As nortadas levariam para longe a doença e, foi assim que o futuro poeta iniciou o seu contacto com a quinta de Linda-a-Pastora de onde retirou, ao longo da sua curta vida, grandes períodos de descanso e prazer.

Seu pai encaminhou-o, desde cedo, para o ajudar na sua loja de ferragens, em plena Lisboa. Lá tinha, acima de tudo, a incumbência de escrever cartas comerciais a devedores. Cesário era um burguês. Um liberal e anticlerical convicto. Desde sempre um verdadeiro republicano e um observador atento das gentes. Amava olhar a cidade quando o sol já se ia no horizonte. E um verdadeiro amante da natureza quando, da sua quinta, se deslumbra com o vale do Jamor.

Cesário Verde era um homem meticuloso, cuidadoso e vaidoso. O poeta sofre o primeiro grande revés da sua vida quando, em 1872, depois de uma longa luta contra a terrível tuberculose, a sua irmã Maria Júlia acaba por sucumbir. É em Linda-a-Pastora que vai tentar amenizar sua dor. No entanto, volta a Lisboa para continuar seu trabalho na loja de seu pai. Trabalho este que cada vez o agrada menos. Que longe está da sua vontade de escrita. À noite, gosta

de passear por Lisboa, observar mulheres magras, como as actrizes do teatro, ao contrário do gosto mais generalizado. Frequenta o café “O Martinho da Arcada”, onde se vive um ambiente de leitura, de crítica à sociedade. Não sabe como pode publicar seus poemas quando resolve ir ter com um antigo empregado de seus pai, Eduardo Coelho, que entretanto se tinha tornado um dos directores do Diário de Noticias. Este fica encantado com os poemas de Cesário. Promete publicá-los no seu jornal. E assim acontece a 12 de Novembro de 1873.

O menino que nasceu louro e de olhos claros, transformara-se num poeta cuidado, onde em cada verso emerge uma modernidade oitocentista. Uma poesia que surge cheia de inovações.

O caminho entre Lisboa e Linda-a-Pastora é sobejamente calcorreado. Divide seu tempo entre lá e cá. E podemos verificar por alguns de seus versos, o muito que o une à quinta: « *Hoje eu sei quanto custam a criar // As cepas, desde que eu as podó e empó. A! O campo não é um passatempo // com bucolismos, rouxinóis, luar.* »

Em 1877, em carta a António de Macedo, Cesário queixa-se de parca saúde. A tosse começa a atormentá-lo. A dor no peito é uma constante. A tuberculose apanha-o e vence o poeta, tinha 31 anos. Estávamos no ano de 1886. As últimas palavras foram: « Não quero nada, deixa-me dormir ».

Uma vida curta que deixará marca profundas em muitos que, depois dele, o chamam de mestre, tal como o fez Fernando Pessoa.



CAXIAS – Fotografia de António Passaporte – anos 40, séc. XX



Fotografia de finais do séc. XX

ESILMO S
Marca &

oeiras
Marca o ritmo

